

SIMPÓSIO 37

NEOLOGISMOS NA LÍNGUA PORTUGUESA

O léxico desempenha um papel essencial na comunicação de qualquer indivíduo. Assim sendo, na época das literacias de comunicação, de informação, digital, é inevitável que os usos vocabulares espelhem o dinamismo que lhes é inerente e que se vivencia à entrada do século XXI; ora substituindo, ora rejeitando, uma vez acrescentando, outras adaptando e até criando.

Assim, e tendo em conta que a Assembleia Geral das Nações Unidas designou os anos de 2005-2014 como a *Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável* (EDS), pelo facto de reconhecer que o desenvolvimento depende de uma educação que promova nos cidadãos competências linguísticas e culturais, entre outras, são objetivos deste simpósio: i) analisar, ii) partilhar, iii) discutir quais as opções lexicais dos falantes e escreventes, seja no discurso oral, seja no discurso escrito, independentemente dos corpora (literários, científicos, jornalísticos,...) serem vernaculares ou estrangeirismos.

COORDENAÇÃO

Ieda Maria Alves

Universidade de São Paulo
iemalves@usp.br

Maria Teresa Lino

Universidade Nova de Lisboa
unl.tlino@mail.telepac.pt

Madalena Teixeira

Instituto Politécnico de Santarém/Universidade de Lisboa
madalena.dt@gmail.com

A OCORRÊNCIA DE ANGLICISMOS NOS SISTEMAS DE INFORMAÇÃO GERENCIAIS

Eduardo Espindola Braud MARTINS (UFMS)⁷⁰⁹

Resumo: O presente trabalho apresenta uma análise dos neologismos terminológicos anglicistas presentes nos Sistemas de Informação Gerenciais, extraídos a partir de 393 artigos científicos da área. Inicialmente, definiremos os conceitos essenciais para a pesquisa e explanaremos os critérios metodológicos utilizados para, em seguida, analisarmos as formas de apresentação dos neologismos terminológicos encontrados. Tal análise permitiu a verificação não só da instabilidade terminológica dos estrangeirismos nas línguas de especialidade, como também a criatividade léxica dessas terminologias, as quais muitas vezes são incorporadas ao léxico corrente dos falantes brasileiros.

Palavras-chave: Neologismos. Estrangeirismos. Terminologia. Sistemas de Informação Gerenciais.

1. Considerações teóricas

As línguas estão em constante expansão e desenvolvimento, cabendo à neologia o estudo dos fenômenos novos que ocorrem em um determinado idioma. O léxico de uma língua se renova diariamente, e os estudos neológicos revelam que a língua não é um produto finalizado, e sim um processo, um reflexo da própria comunidade que a utiliza. Dessarte, os neologismos, as unidades lexicais surgidas em um idioma, demonstram os avanços de uma sociedade nos mais variados âmbitos, e confirmam a criatividade lexical de um grupo linguístico.

Biderman define neologismo como “uma criação vocabular nova, incorporada à língua” (BIDERMAN, 2001, p. 203) e o distingue em dois tipos: *neologismo conceptual*, quando um significado novo incorpora-se a um significante já existente, e *neologismo formal*, quando uma unidade lexical completamente nova é introduzida em uma língua.

Segundo Alves, neologismo refere-se

[...] a uma nova forma, a uma nova acepção atribuída a uma unidade lexical ou a um estrangeirismo recebido de outra língua. Excetuados os empregos de caráter intencional no âmbito literário e publicitário, o neologismo está vinculado ao caráter social da linguagem. Assim, o neologismo resulta de uma necessidade de nomeação ou de um evento, que determina a criação de uma nova unidade lexical. (ALVES, 2010, p. 65)

Essa necessidade de nomeação é bastante recorrente no âmbito científico, já que, diariamente, novas teorias são elaboradas e conceitos são criados. Desse modo, a criação neológica é significativamente encontrada nas linguagens de especialidade, evidenciando assim a relação existente entre a neologia e a Terminologia. Alves afirma ainda que “[...] o conceito de neologia, que se referia apenas aos aspectos linguísticos da formação de novas unidades lexicais, começou a tornar-se polissêmico com o desenvolvimento crescente das

⁷⁰⁹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande - MS, Brasil E-mail: eduardoufms@gmail.com

atividades de caráter terminológico, que ocorreram particularmente a partir da década de 80” (ALVES, 2001, p. 56).

Enquanto objeto de investigação terminológica, um item lexical próprio de uma linguagem de especialidade constitui um *termo*, “elemento constitutivo da produção do saber, quanto componente linguístico, cujas propriedades favorecem a univocidade da comunicação especializada” (KRIEGER e FINATTO, 2004, p. 75). De qualquer maneira, sob uma perspectiva terminológica de base linguístico-comunicacional, os termos são considerados parte constituinte do léxico geral de uma língua assim como são os neologismos, pois ambos são formados através dos mesmos processos linguísticos.

Embora sejam considerados constituintes do léxico geral de uma língua, neologismos e termos possuem características particulares de formação sintagmática. Os neologismos terminológicos, por estarem ligados a uma rede de conceitos de uma determinada área do conhecimento, são geralmente criados a partir de um substantivo especificado por um adjetivo (*rede neural*), um substantivo especificado por um por um sintagma preposicionado (*regra de inferência*), além de siglas (*Inteligência Artificial/ IA*) (ALVES, 2001).

Uma unidade neológica também podem ser proveniente de outro sistema linguístico, configurando, assim, um estrangeirismo. Segundo Biderman, os estrangeirismos provenientes da língua inglesa – os anglicismos – configuram atualmente a categoria mais expressiva de empréstimos estrangeiros no português brasileiro contemporâneo. Acrescenta ainda que “[...] esse fato não ocorre apenas no Brasil. Todas as culturas e civilizações contemporâneas estão sofrendo uma avassaladora influência da língua inglesa e da cultura americana, como consequência do grande prestígio que a civilização americana assumiu em todo o mundo” (BIDERMAN, 2001, p. 208).

Além de influenciarem a produção neológica na língua geral, os anglicismos são também muito recorrentes nas linguagens de especialidade, tanto pela extensa produção científica em língua inglesa quanto pelo advento da Tecnologia da Informação (doravante TI) nos mais diversos ramos científicos. Desse modo, a influência da TI sobre vários campos da ciência resultou na ocorrência não só de empréstimos de termos provenientes de outro idioma, mas também de empréstimos entre linguagens de especialidade (ALVES, 1995). Roeltgen ilustra esse fato ao afirmar que

[...] A Tecnologia da Informação é, ao mesmo tempo, uma indústria com padrões de mudança permanentes, inovações inesperadas e erros surpreendentes. Ao mesmo tempo, já se diversificou fortemente e já se alojou nas mais diversas áreas da vida. É muito imatura e, ao mesmo tempo, muito difundida. Uma mistura problemática. (ROELTGEN, 2009, p. 8, tradução nossa).⁷¹⁰

Uma das aplicações das TI mais significativas é no setor administrativo, já que essa é uma área que cresceu e se modificou grandemente graças ao advento da informática. Atualmente, dissociar a TI da lida de informações e a tomada de decisões em uma organização é impraticável, como bem reiteram McGee e Prusak:

A tecnologia da informação alterou o mundo dos negócios de forma irreversível. Desde que a tecnologia da informação foi introduzida sistematicamente em meados da década de 50, a forma pela qual as

⁷¹⁰ Information Technology is, at the same time, a very young industry with permanently changing standards, unexpected innovation, and surprising mistakes. At the same time, it has already diversified very strongly and has nested in the most diverse areas of life. It is very immature and, at the same time, very widespread. A problematic mix.

organizações operam, o modelo de seus produtos e a comercialização desses produtos mudaram radicalmente. Cada vez com mais frequência, os próprios produtos são estruturados incorporando facilidades da tecnologia da informação, desde os controles remotos dos videocassetes até os sistemas antitravamento para freios de automóveis. (MCGEE e PRUSAK, 1994, p. 5)

O ramo da Administração que utiliza a TI no desenvolvimento de ferramentas computacionais para o controle e gerenciamento de empresas é denominado Sistemas de Informação Gerenciais, definido por Laudon e Laudon como “[...] um conjunto de componentes inter-relacionados que coletam (ou recuperam), processam, armazenam e distribuem informações destinadas a apoiar a tomada de decisões, a coordenação e o controle de uma organização” (LAUDON e LAUDON, 2010, p. 12).

Todavia, nota-se uma instabilidade terminológica sobre o termo que designa a aplicação da TI no setor administrativo, pois os termos *Sistemas de Informação*, *Sistemas de Informação Gerenciais* e *Tecnologia da Informação* são utilizados indissociavelmente por especialistas da área. Neste trabalho, adotamos o termo *Sistemas de Informação Gerenciais* para se referir à aplicação da TI na Administração, *Sistemas de Informação* para o gerenciamento de dados computacionais de qualquer área e *Tecnologia da Informação* para a informática como um todo.

Essa instabilidade terminológica também é percebida no uso de termos da área provenientes da língua inglesa, como veremos adiante.

2. Considerações metodológicas

A análise dos neologismos terminológicos provenientes dos Sistemas de Informações Gerenciais seguirá a proposta metodológica de Alves (2012). Segundo tal proposta, é necessário inicialmente delimitar o caráter neológico das unidades lexicais. Cabré propôs cinco critérios para tal determinação:

- a) a diacronia: uma unidade é neológica se apareceu em um período recente;
- b) a lexicografia: uma unidade é neológica se não está registrada em dicionários;
- c) a instabilidade sistemática: uma unidade é neológica se apresenta signos de instabilidade formal (morfológicos, gráficos, fonéticos) ou semânticos;
- d) a psicologia: uma unidade é neológica se os falantes a sentem como uma unidade nova). (CABRÉ, 1993 *apud* ALVES, 2012, p. 183-184)

Como o objeto de nossa pesquisa são os neologismos terminológicos provenientes da língua inglesa, adotaremos primordialmente o critério de instabilidade sistemática para nossa análise, já que partimos da hipótese de que, ao serem utilizados na linguagem de especialidade em língua portuguesa, os neologismos terminológicos anglicistas apresentam variações morfossintáticas e gráficas, principalmente no que se refere à sua tradução.

Os neologismos terminológicos foram extraídos de um corpus de 2.692.704 palavras, composto por 393 artigos científicos de 29 periódicos brasileiros sobre Administração. A seleção de tais textos se deu a partir de buscas realizadas nos portais de periódicos CAPES (www.periodicos.capes.gov.br) e SciELO (www.scielo.org), onde pesquisou-se a ocorrência dos termos *sistemas de informação* e *tecnologia da informação*, selecionando-se, a partir da leitura de seus resumos, os artigos que tratavam da aplicação da TI nos Sistemas de Informação Gerenciais. A utilização de tais termos para a seleção dos artigos se deu pelo fato

da própria instabilidade terminológica existente entre o uso do próprio termo que define a área, já explicado anteriormente.

A partir do corpus levantado, utilizamos o listador de N-Gramas presente na ferramenta computacional *AntConc 3.2.4w* (www.antlab.sci.waseda.ac.jp/software.html) para extrair os candidatos a termo da área compostos de 2 a 7 elementos. A partir desses resultados filtramos 36 anglicismos, listados a seguir (com suas siglas em parêntesis, quando houver):

Business Process Management (BPM)	E-procurement	Leasing financeiro
Business Intelligence (BI)	Extended Markup Language (XML)	Leasing operacional
Business to business (B2B)	Grid Estratégico	Fuzzy
Call Center	Grounded Theory	Market driven
Clusters	Gruopware	Mobile banking
Communities of Practice (CoP)	High Frequency Trading (HFT)	Radio Frequency Identification (RFID)
Customer Relationship Management (CRM)	Home broker	Software livre
Data Mining	Home office	Statistical Package for the Social Science (SPSS)
Data Warehouse (DW)	Internet banking	Supply Chain Management (SCM)
E-commerce	Information Technology Infrastructure Library (ITIL)	Trading Companies
E-learning	Just in time (JIT)	Voice Over IP (VoIP)
Enterprise Resource Planning (ERP)	Management Information Systems (MIS)	World Wide Web (WWW)

3. Análise dos dados

Frequentemente, os neologismos terminológicos estrangeiros observados apresentaram-se seguidos ou antecédidos de sua tradução, como nos casos a seguir:

Os atuais ambientes colaborativos de negócio estão fundamentados na abordagem administrativa de gestão por processos (*Business Process Management / BPM*). - (Revista de Ciências da Administração, v. 8, n. 15, jan/jun 2006)

O sistema objeto deste estudo é o do Módulo Financeiro. A finalidade deste software é o gerenciamento do fluxo financeiro e a geração de controles financeiros gerenciais por meio da integração de todos os processos diretamente relacionados às finanças da empresa. É composto dos seguintes módulos: contas a pagar, contas a receber, tesouraria, contabilidade, controle patrimonial, fluxo de caixa e gerador de relatórios. É integrado ao sistema de gestão empresarial (*Enterprise Resource Planning - ERP*) de forma a importar e manipular dados gerados nos demais processos gerenciados por este software. - (Perspectivas em Gestão & Conhecimento, v. 1, n. 2, jul/dez 2011)

Sobre ferramentas de tecnologia da informação adotadas nas empresas, 100% entrevistados responderam que suas empresas adotam internet e intranet; a Gestão Eletrônica de Documento (GED) é utilizada por 70% das empresas; a agenda compartilhada é usada por 50% das empresas; as tecnologias *workflow* (sistema de fluxo de trabalho automatizado), *business intelligent* (sistema de inteligência de negócios) e treinamento à distância são

adotadas por 40% das empresas; as ferramentas de portal corporativo, *groupware* (software de colaboração), *data warehouse* (armazém de dados), software de mapeamento do conhecimento e *e-learning* (aprendizado por computador) são usadas por 30% das empresas; o software de *content management* (gestão do conteúdo) é usado por 20% das empresas, e as ferramentas de extranet e *enterprise resource planning* (sistema de gestão empresarial) são adotadas por 10% das empresas. - (Revista Gestão e Planejamento, v. 8, n. 2, jul/dez 2007)

Em todos os casos acima há o uso de parêntesis ou para introduzir o termo em língua estrangeira ou para indicar sua tradução em língua portuguesa, ressaltando assim a presença de um item lexical proveniente de outro sistema linguístico.

Alguns termos apresentaram traduções diferenciadas. *Enterprise Resource Planning*, por exemplo, aparece traduzido tanto como *sistemas de gestão empresarial* (12 ocorrências em 6 periódicos distintos) ou como *sistemas integrados de gestão* (77 ocorrências em 14 artigos):

A fusão dos sistemas de BI, especializados em informações dos clientes, com os sistemas de gestão empresarial *Enterprise Resource Planning* (ERP), que priorizam as informações internas, tem produzido os sistemas de Customer Relationship Management (CRM) permitindo, assim, que as empresas gerenciem o relacionamento com seus clientes. - (Revista Gestão e Planejamento, v. 8, n. 2, jul/dez 2007)

Nos últimos anos, os sistemas integrados de gestão, ou ERP (*Enterprise Resource Planning*), passaram a ser largamente utilizados pelas empresas. Eles são apresentados como "solução" para a maioria dos problemas empresariais. São sistemas genéricos capazes de integrar todas as informações que fluem pela empresa por intermédio de uma base de dados única. - (Gestão e Produção, v. 9, n. 3, dez 2002)

Esse mesmo termo também apresentou-se traduzido em língua portuguesa, mas seguido de sua sigla em língua inglesa:

Os Sistemas Integrados de Gestão (*ERP*) possuem um papel fundamental na eficiência da gestão da informação corporativa. Entretanto, nem sempre se consegue obter o retorno desejado e reclamações de usuários não são incomuns. - (Análise, v. 20, n. 1, jan/jun 2009)

Com relação ao gênero, a grande maioria dos neologismos terminológicos analisados apresentaram-se no masculino. *Communities of practice* (*CoPs*), entretando, sofreu uma flexão de gênero, pois a tradução do item lexical *community* para o português é *comunidade* (substantivo feminino), explicando-se então sua ocorrência em tal gênero:

Os resultados obtidos evidenciam o potencial das *CoPs* para os negócios e vantagem competitiva, ao ampliarem a capacidade de atuação de equipes de projetos. Conclui-se que *CoPs* são elementos chave para construção do capital social que serve para possibilitar o compartilhamento de conhecimento e promover inovação. - (Organizações e Sociedade, v. 16, n. 50, jul/set 2009)

Já *Grounded Theory* apresentou-se com flexão em ambos os gêneros:

Enfim, *Grounded Theory* é um método de investigação estruturado cujas fases muitas vezes são sobrepostas. - (Revista Gestão e Planejamento, v. 10, n. 1, jan/jun 2009)

A *grounded theory* é um método de pesquisa com o propósito de construir teorias e não somente codificar os dados. - (Revista Eletrônica de Sistemas de Informação, v. 9, n. 1, 2010)

Houveram também termos compostos pela junção de itens lexicais estrangeiros e vernáculos:

O impacto estratégico das aplicações de TI e seus efeitos na organização e na indústria foram analisados por McFarlan (1984), por meio do *Grid Estratégico*, que permite visualizar a relação entre a estratégia de TI e a estratégia da organização. - (Gestão e Produção, v. 10, n. 3, dez 2003)

[...] o objetivo do trabalho é verificar o impacto da contabilização do *leasing operacional* de forma semelhante ao *leasing financeiro* na estrutura patrimonial das empresas presentes na amostra. - (Enfoque, v. 30, n. 1, jan/abr 2011)

Um AVA amplamente utilizado por educadores EaD é o Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment (Moodle). Baseado em *software livre*, Moodle é uma ferramenta para a criação de ambientes de aprendizagem online e dinâmicos. - (Revista Gestão e Planejamento, v. 13, n. 2, maio/ago 2012)

Também houve o caso da inserção de um sufixo da língua portuguesa ao termo anglicista, como veremos nos trechos a seguir (primeiro apresentamos o termo em sua forma original e em seguida sua ocorrência com o sufixo):

Existem outras formas, que não por SCM, de adquirir vantagens competitivas através de associação de empresas. Uma delas é a associação em clusters. Os *clusters* são concentrações geográficas de empresas e instituições interconectadas que possuem uma área temática específica em comum, com o intuito de buscar uma alta competitividade para os produtos produzidos nessa região (PORTER, 1998). - (FACES, v. 3, n. 2, jul/dez 2004)

Por outro lado, reconhecemos que a ausência de condições de inovação em rede, cooperação e interação sinérgica entre seus participantes, se de um lado lhe retiram oportunidades de competitividade e dinamização, afetando sua trajetória tecnológica e seu próprio desenvolvimento, de outro, parecem não impedir completamente o processo de "*clusterização*". - (Organizações em contexto, ano 3, n. 5, jun 2007)

4. Considerações finais

A análise dos neologismos terminológicos anglicistas dos Sistemas de Informação Gerenciais permitiu verificar que a maioria dos termos em língua inglesa concorriam com sua forma traduzida, evidenciando assim sua instabilidade terminológica e, conseqüentemente, a

própria natureza lexical dessas unidades, pois, por serem constituintes do léxico geral de um idioma, partilham das mesmas peculiaridades formais. Todavia, as linguagens de especialidade, por tratarem de ciências, necessitam de um uso léxico que busca uma precisão conceitual, a fim de assegurar o mínimo de ambiguidade no âmbito científico. A esse respeito, Krieger e Finatto afirmam:

[...] o uso de termos técnicos é um importante recurso para a precisão conceitual nas comunicações profissionais favorecendo, conseqüentemente, a almejada univocidade. A precisão conceitual torna-se uma condição necessária para um eficiente intercâmbio comunicativo, seja no universo da transmissão do conhecimento científico, seja para o assentamento de toda sorte de contratos jurídicos e comerciais, bom como das múltiplas e variadas proposições de intercâmbio tecnológico, científico e cultural, que se intensificam na atual sociedade globalizada. (KRIEGER e FINATTO, 2004, p. 18)

Dessarte, a confecção de produtos terminológicos de ramos da ciência que contém termos estrangeiros deve não só levar em consideração essa instabilidade como também procurar contribuir para a precisão terminológica necessária a toda ciência bem delimitada. O que, para Alves, “[...] somente poderá ser resolvido com a implantação de uma política adequada de planejamento linguístico no Brasil, que contemple, por um lado, a formação de terminólogos e, também, a criação de comissões de terminologia destinadas a assessorar os profissionais que trabalham nas variadas línguas de especialidade” (ALVES, 1995, p. 3).

De qualquer modo, a existência de neologismos em meios científicos é reflexo do avanço da ciência em todos os âmbitos da vida, pois, segundo Alves, “[...] no português contemporâneo falado no Brasil, as terminologias científicas e técnicas constituem a maior fonte de criatividade léxica” (ALVES, 2004, p. 87). E é essa criatividade léxica que garante a sobrevivência e riqueza de todas línguas, sempre em desenvolvimento constante, sendo que, frequentemente, essa expansão terminológica alcança o léxico corrente dos falantes brasileiros, como bem ressalta Biderman:

No mundo contemporâneo a ciência e a tecnologia são os fatores principais que atuam na criação neológica. Dada a necessidade de ambas formarem incessantemente um instrumental léxico para as suas novas necessidades de expressão, elas contribuem muito para a expansão do Léxico não só dos estreitos domínios das linguagens especiais, mas também no âmbito da linguagem geral, pois a ciência e a tecnologia estão continuamente mudando a nossa vida. [...] Assim, a criatividade humana em todos os domínios é a principal causa da expansão sempre crescente do sistema léxico da língua. (BIDERMAN, 2001, p. 213)

Referências Bibliográficas

ALVES, I. M. A neologia do português brasileiro de 1990 a 2009: tradição e mudança. In: _____ (Org.) *Neologia e neologismos em diferentes perspectivas*. São Paulo: Paulistana, 2010.

_____. Empréstimos nas línguas de especialidade: algumas considerações. *Ciência da Informação*, v. 4, n 3, p. 1-4, 1995. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/491>>. Acesso em: 19 jun.2013. 16:52:01.

_____. Neologia e tecnoletos. In: ISQUERDO, A. N. & OLIVEIRA, A. M. P. P. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2 ed. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2001.

_____. *Neologismo. Criação Lexical*. 2 ed. São Paulo, SP: Editora Ática, 2004.

BIDERMAN, M. T. C. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LAUDON, K. C.; LAUDON, J. P. *Sistemas de informação gerenciais*. 9. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

MCGEE, J. V.; PRUSAK, L. *Gerenciamento estratégico da informação: aumente a competitividade e a eficiência de sua empresa utilizando a informação como uma ferramenta estratégica*. 17. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1994.

KRIEGER, M. G.; FINATTO, M. J. B. *Introdução à Terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

ROELTGEN, C. *IT's hidden face: Everything you always wanted to know about Information Technology. A look behind the scenes*. Nova Iorque: CreateSpace Independent Publishing Platform, 2009

ANÁLISE DOS NEOLOGISMOS NA OBRA *O GATO E O ESCURO*, DE MIA COUTO

Rosemeire de Souza Pinheiro T. SILVA (UFG/CAC / IF Goiano)⁷¹¹
Braz José COELHO (UFG/CAC)⁷¹²

Resumo: A renovação lexical acontece de três maneiras, seja por empréstimo, conceitual ou formal. Este trabalho sob os moldes lexicais propõe estudar os neologismos formais criados por Mia Couto na obra *O Gato e o Escuro* (2008). Assim este estudo será abordado com base em reflexões sobre o processo de formação dos neologismos e os seus possíveis sentidos. O arcabouço teórico se fundamenta nas contribuições de Guilbert (1975), Biderman (2001), Almeida(2006) e Martins(2007).

Palavras-chave: Léxico. Neologismo. Mia Couto.

1. Introdução

Em um contexto informatizado e globalizado, no qual as pessoas se envolvem em diferentes contextos sociais, culturais e virtuais, os usuários se servem de diferentes recursos para se comunicar, a fim de melhor expressar seus sentimentos. Com a necessidade de materializar, os muitos pensamentos, as pessoas, que estão se isolando em grupos e/ou comunidades, se apropriam de uma nova gramática, abreviações, siglas, imagens, criações de palavras, tudo com o mesmo intuito: comunicar de forma precisa e satisfatória.

Para acompanhar as múltiplas informações, sensações, novidades e transformações, que regem o universo sociocultural, muitas das vezes surge à necessidade da criação de novos vocábulos que expressem o sentido desejado pelo emissor de dada mensagem, pois nem sempre as pessoas encontram nas palavras existentes a essência que procuram, surgindo assim novas palavras ou novos sentidos atribuídos aos significantes existentes, podendo ser passageiro ou duradouro.

A criação de novas palavras, sendo de forma inconsciente ou consciente, vem concretizar aspectos sociais, culturais e identitários, pois o falante não encontra “abrigo” nas palavras já existentes ou nas que constam nos dicionários. Para que este vocábulo seja aceito ele precisa ser decodificados pelos falantes, tendo o seu sentido compreendido tanto pelo emissor quanto pelo receptor, além de encontrar uma abertura cultural, social e linguística.

O Neologismo dentro de uma obra literária tende a causar inquietação, estimulando que o sujeito saia da sua zona de conforto, exigindo assim, que ele passe por dois processos, o interno, o qual a pessoa vai analisar o processo de formação e o externo que é a busca pelo sentido pretendido dentro de um contexto sócio-cultural.

Assim, este trabalho propõe uma análise da Obra *O Gato e o Escuro* (2008), de Mia Couto, sob a ótica do Neologismo, por percebe-se a preocupação do autor com a linguagem, como se ela estivesse em constante construção, objetivando a análise dos neologismos presentes na narração tanto em relação ao processo de formação como o sentido almejado. Este trabalho propõe analisar e discutir se os neologismos são inventados sob alguma regra ou aleatoriamente e verificar também se os sentidos são compreendidos facilmente sem a

⁷¹¹ Universidade Federal de Goiás (UFG), *Campus* Avançado de Catalão (CAC). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano- Câmpus Iporá. E-mail: meirespinheiro@yahoo.com.br.

⁷¹² Universidade Federal de Goiás -*Campus* Catalão. E-mail: brazcoelho@bol.com.br.

necessidade de buscar materiais externos a obra. Tais inquietações e objetivos estão ancorados nos estudos lexicais, no que tange a Neologia.

2. *O gato e o escuro*, de Mia Couto

O autor Mia Couto tem este nome devido seu amor pelos gatos e também para facilitar a pronúncia por parte de seu irmão quando pequeno, pois este não conseguia pronunciar com perfeição o seu nome Antônio Emílio Leite Couto. Filho de emigrantes portugueses nasceu em 1955, em Beira, Moçambique. Escritor de grande destaque venceu o prêmio União das Literaturas Românticas se tornando o primeiro africano a vencer o prêmio, além ter suas obras reconhecidas, as mesmas são consideradas de grande importância para o continente africano.

Mia Couto com sua dinamicidade escreve poesia, contos, romances e crônicas. Frente a uma diversidade de obras coutinas este trabalho se servirá de uma obra dedicada ao público infanto-juvenil, *O Gato e o Escuro* (2008), no qual o gatinho Pintalgato em desobediência conhece o escuro.

Na obra, a personagem Pintalgato gostava de chegar ao limite imposto pela sua mãe, na “linha onde o dia faz fronteira com a noite” (COUTO, 2008, p. 09) e de lá ele observava o proibido, até o dia que aos poucos ultrapassou os limites impostos pela sociedade, porém não podia esconder sua desobediência, pois suas patas ficaram pretas. No dia seguinte, o gato transgrediu novamente as normas, desta vez não é apenas as suas patas que ficaram pretas em decorrência de seu encontro com o escuro, mas o corpo todo. Logo se pôs a chorar, até o momento que o escuro o consola, falando de suas próprias limitações, e de sua tristeza por não conseguir ver nada, o escuro começou a chorar, até que a mãe de Pintalgato chegou e o consolou. No discurso do escuro estava às heranças sociais e culturais que alegam que no escuro se escondem os bichos, os fantasmas, o imperfeito “-Sou feio. Não há quem goste de mim. [...] Os meninos têm medo de mim. Todos têm medo do escuro” (COUTO, 2008, p. 25). A Gata explicou que o problema não é o escuro “Somos nós que enchemos o escuro com nossos medos” (COUTO, 2008, p. 26 e 27), e assim ela o conforta. No final da obra Pintalgato desperta e vê que tudo aquilo foi um sonho.

Obra marcada por um tom infantil e narração oral, porém promove a fusão de elementos filosóficos, psicológicos, poéticos, gramaticais e outros. O moçambicano critica o fato de o escuro ser apresentado como algo ruim, uma barreira imposta pelos costumes e crenças culturais. Assim como Pintalgato, curioso e ousado que não ouve sua mãe, deixando-se deixar pela curiosidade e pelo desejo do novo, rompe barreiras pessoais e sociais, o autor também faz, não se contenta com as palavras existentes e vai a procura do novo, do que ele deseja e não do que já está pronto nos dicionários. Ambos, Couto e Pintalgato com ousadia rompem os paradigmas impostos e mostram que atrás do muro, da barreira, dos limites, das palavras pode existir o belo, o diferente, o que rejeita comodismo e leva a uma reflexão.

Couto tece seu texto, a partir de um jogo em que as palavras são (re) construídas, ele se apropria de uma nova formação de palavras, construindo e (re) construído palavras como: “Pintalgato”, “Trespasseiro”, “Pirilampiscavam”, “Adianteira”, “Sobrancelhando”, “Noitidão”, “Enxofrinhas”, “Arco-iriscando”, “Ataratonto”, “Antecoisa”, “Pintalgatito”, “Estremolhado”. Expressões que abarcam a carga lexical desejada pelo autor, e assim como Pintalgato, o escritor parte em busca do desconhecido do novo, instigando seus leitores não apenas a ler, mas a entender suas novas construções dentro do contexto da obra.

3. Formação de palavras

As palavras em sua amplitude podem ser construídas e reconstruídas de acordo com a necessidade do falante ou do contexto. A palavra é constituída por unidades menores, as quais interferem significativamente no todo. Destas unidades, o que traz a essência da palavra é o morfema lexical, pois este é o que exprime a carga lexical da palavra, ou seja, o radical. Para exemplificar este fato utiliza-se um exemplo extraído da obra, a palavra “enxofrinhas”, a essência está em “enxofr-”, o afixo “-inha” é um sufixo que passa a ideia de pequenez, e “-s” uma desinência nominal de número que representa o plural. Percebe-se que estes morfemas gramaticais, afixos e desinências, mesmo sendo pequenas unidades agregam diferentes valores aos radicais, pois estes se encarregam de dizer se a palavra é feminina ou masculina, se está no singular ou plural.

Vários sentidos podem ser acrescentados, alterados ou modificados com a simples troca ou acréscimo de um morfema gramatical. As palavras são formadas por morfemas lexicais e gramaticais, em que vários elementos se agrupam a um radical. O processo em que os afixos se unem a um radical se chama derivação, quando se une antes do radical é o prefixo, quando é após, denomina-se sufixo.

Derivação Prefixal

Trespasse (p.08): Tres- O prefixo apresenta o sentido de ir além de.

Derivação Sufixal

Noitidão (p.14): -ão: Formador de aumentativo que também é usado quando quer ressaltar ou destacar algo.

Enxofrinhas (p.22), **Pintalgatito** (p.32): -inhas/-ito: Formadores de diminutivos que servem para frisar quando é algo pequeno sem importância ou quando quer referir algo de forma carinhosa.

Desinência verbal

Pirilampiscavam (p.10)-avam: 3ª pessoa do plural do pretérito imperfeito do indicativo.

Desinências nominais

Masculino e feminino: -inhas/-ito/

Singular e plural: **Pintalgatito** (p.32), **Enxofrinhas** (p.22).

Em um processo de formação por derivação, um radical permite a formação de várias palavras a partir dele que será a base lexical, enquanto por composição, uma nova palavra é formada a partir da junção de duas palavras ou mais, ou seja, essa nova palavra possui mais de um radical, podendo a composição ser por justaposição ou por aglutinação. O primeiro processo ocorre quando duas ou mais palavras se unem por hífen ou se juntam sem perder elementos íntegros; já o segundo, o qual será exemplificado com elemento da obra são morfemas que ao se juntarem aglutinam, perdem ou tem algum de seus elementos modificados.

Composição por Aglutinação

Pintalgato=Pintalgato+gato

Pirilampiscar =Pirilampo+piscar

Estremolhado =Estremecer+molhado

Assim, as palavras sejam por processo de derivação ou composição, oferecem um leque de opções para a criação de novas palavras e sentidos, sendo que esses recursos e processos são realizados por estudiosos e falantes da língua de forma consciente e/ou inconsciente, como é apresentado na obra de Mia Couto.

4. Neologismo

Diante das inúmeras informações, mudanças e evoluções, as pessoas buscam caminhar paralelamente com as inovações e transformações culturais e sociais. Buscam se renovar, expressar de forma moderna e coesa de acordo com o contexto em que está inserido. Com isso, os frutos desta frenética transformação é a inovação nas vestimentas, no visual, na alimentação, nas arquiteturas e, principalmente, na linguagem. Pessoas se servem de termos estrangeiros, criam um novo sentido a um significante já existente ou até mesmo (re) elaboram novas palavras.

A formação de novas palavras é estudada pela ciência do Léxico, especificamente o Neologismo. Segundo Almeida (2006), neologismo é “uma palavra ou expressão nova, ou ainda um significado novo que uma palavra ou expressão já existente na língua pode adquirir, dependendo do contexto em que ocorre.” (p.105), em outras palavras, mas com a mesma visão, Biderman (2001) salienta que o neologismo é “uma criação vocabular nova, incorporada à língua” (p.203). Isto é, neologismo é a formação de uma nova palavra ou de uma nova acepção, que a necessidade do contexto ou do falante contribui para sua formação.

Segundo Martins (2007)

A linguagem humana é feita de uma aparente estabilização e de mudanças constantes. A estabilização dá ao indivíduo a sensação de tranquilidade quando da aprendizagem linguística, mas as múltiplas atividades em que se vê envolvido, seja no campo mental ou física, exigem-lhe a criação de novas formas para se expressar. Neste momento, surge a criação neológica. (p.68)

O neologismo é permitido porque o léxico da língua não é fechado, finalizado, aceita inovações e reformulações. As novas criações com o tempo podem se cristalizar e ganhar espaço no dicionário, mas também podem ser esquecidas, o que acontece frequentemente com os neologismos literários.

Sendo responsável pela ampliação, reformulação e renovação do léxico em uma língua, o neologismo permite ao escritor/falante a criatividade em construir e reconstruir palavras, alterando afixos, mudando desinências, aglutinando radicais, pois o essencial é encontrar palavras que representem os pensamentos desejados.

Segundo o francês Guilbert (1975) independente de descoberta, progresso, modificação, enriquecimento, classe social ou escolaridade, estão todos sujeitos a criação de novos vocábulos. Este mesmo autor enumera quatro criatividades para a elaboração de neologismos. A primeira criação é a denominativa, muito usada na informática para nomear novos objetos que entram na sociedade. A segunda é a neologia estilística, a criada na linguagem literária, vocábulos que não são incorporados nos dicionários, pois são elaborados em uma determinada época ou obra com o intuito de expressar ou enfatizar algo, é nesta que este trabalho se enquadra, por trabalhar os neologismos empregados na obra *O Gato e o Escuro* (2008), o qual se busca entender seus sentidos dentro do próprio contexto. Os neologismos literários são elaborados, construídos em uma determinada época para suprir uma determinada necessidade, podendo nunca romper as folhas do livro. A terceira é a neologia da língua, encontrada no uso informal da língua, de crianças a idosos, já que muitos de forma analógica criam novas palavras. A quarta e última criatividade está relacionada aos vocábulos que já foram usados conhecidos, porém ao serem retomados são apresentados como se fosse novidade, um exemplo são os greco-latinos.

4.1 O Neologismo na Obra *O gato e o escuro*, de Mia Couto

Neologismo	Formação	Alusões na obra	Trecho da obra
1- Pintalgato	Pintalgado+gato	Gato às malhas e pintas	“Conta mãe dele que, antes, tinha sido amarelo, às malhas e às pintas. Tanto que lhe chamavam o Pintalgato”. (p.06) “Mas fingia obediência. Porque o Pintalgato chegava ao poente e espreitava o lado de lá.” (p.10)
2- Trespassegem	Tres+passagem	A passagem do real para o insólito	“Vou aqui contar como aconteceu essa trespassegem de claro para escuro.” (p.08)
3- Pirlampiscar	Pirilampo+piscar	Transmitir luz que pisca brilhante, radiante.	“Porque o Pintalgato chegava ao poente e espreitava o lado de lá. Namoriscando o proibido, seus olhos pirlampiscavam.” (p.10)
4- Sobrancelhado	Sobrancelha + ado	Semi- fechado.	“Temia o castigo. Fechou os olhos e andou assim, sobrancelhado, noite adentro. (p.14)
5- Noitidão	Noite+ ão	Noite longa e escura	“Andou, andou, atravessando a imensa noitidão.” (p.14)
6- Despersianar	Des+ persianar	Abrir os olhos como se fossem uma persiana	“Só quando desaguou na outra margem do tempo ele ousou despersianar os olhos.” (p.16)
7- Enxofrinhas	Enxofre + inhas	Duas gotas de lágrimas amareladas	“E os olhos do escuro se amarelaram. E se viram escorrer, enxofrinhas, duas lagriminhas amarelas em fundo preto.” (p.22)

8- Arco-iriscando	Arco- Iris + ando	Brilhando como arco-iris	“Metade de seu corpo brilhava, arco-iriscando.” (p.28)
9- Ataratonto	Atarantado + tonto	Agir de forma meio tonta e atarantada.	“O escuro se encolheu, ataratonto.” (p.31)
10- Antecoisa	Ante+ coisa	Não era uma coisa primitiva, nem evoluída.	“Mas ele nem chegava a ser coisa alguma, nem sequer antecoisa.” (p.31)
11- Pintalgatito	Pintalgado+ gato + ito	Referir ao gato às malhas e pintas de forma carinhosa	“-Mas, mãe: sou irmão disso aí? - Duvida, Pintalgatito?” (p.32)
12- Estremolhado	Estremecer+molhado	Suado de medo	“Pintalgato acordou, todo estremolhado, e viu que, afinal, tudo tinha sido um sonho.” (p.34)

Este trabalho resultou em uma análise de 12 vocábulos neológicos criados pelos processos de derivação e composição. Uma ficha lexicográfica foi feita constando os neologismos, a formação de palavras, as alusões e trechos da obra do qual foi extraído.

Os vocábulos analisados são morfologicamente substantivos, adjetivos e verbos. Os últimos expressam uma ação em desenvolvimento “Arco-iriscando”, palavra derivada do substantivo “arco-íris”. Palavras no gerúndio são formadas com o intuito de representar uma ação em desenvolvimento e uma ação que ocorreu no passado, porém não foram concluídas. Verbos como “Pirilampiscar” e “despersiar” também compõem a lista de verbos neológicos que podem ser conjugados em pessoas, tempos e modos distintos.

Os prefixos “tres-“, “des-“ e “ante-“, que aparecem na formação dos neologismos “trespassagem”, “despersianar” e “antecoisa”, possuem em comum a mesma origem, ambos são prefixos de origem latina. O primeiro prefixo, segundo Cunha & Cintra (2001) é de origem latina e significa “movimento para além de, posição além de” (CUNHA & CINTRA, 2001, p.86). O segundo prefixo, “separação, ação contrária.” (CUNHA & CINTRA, 2011, p.85). O terceiro carrega o sentido de “anterioridade” (CUNHA & CINTRA, 2001, p.85), são sentidos que os prefixos carregam, porém o sentido pode ser alterado, ampliado ou reduzido de acordo com o contexto.

Os sufixos “-ito”, “-inhas” que contribuem na composição das palavras “Pintalgatito” e “enxofrinhas” são formadores de diminutivo e o “-ão” de aumentativo, “noitidão”. São sufixos que não só expressam tamanho, mas dependendo de onde estão inseridos podem ter outro sentido. Os sufixos “-ito” e “-inhos” podem perder a ideia de diminutivo e passar a ter o valor de prestígio, carinho, ou insignificante, ao falar que “tenho um lapisinho”, que “sou casada com um amorzinho” ou que “estou cansada da minha vidinha” cada palavra que carrega o sufixo “-inho”, carrega um valor semântico diferente, um de tamanho, afeto e menosprezo. Na obra, o autor disse “Pintalgatito” não querendo apenas dizer que era um filhote, no entanto usou “-ito” para dar a ideia de afeto, assim também funciona com os aumentativos, dizer “noitidão” não quer só dizer apenas que a noite é longa, mas escura.

Doze vocábulos elaborados de forma inteligente e ousada. Estruturados morfologicamente com um estilo harmonioso e criativo, resultando em uma leitura e releitura reflexiva e agradável.

5. Considerações Finais

Este trabalho reflete sobre a formação e os sentidos empregados aos neologismos criados por Couto na obra *O Gato e o Escuro* (2008). Com base em estudos lexicográficos e análises das expressões neológicas, percebe-se que o autor não empregou uma estrutura rígida, fixa ou selecionada na construção de seus neologismos, pois são doze vocábulos, formados pelo processo de derivação prefixal, sufixal, composição por aglutinação e justaposição de forma aleatória, sem uma regra específica e única para a formação dos mesmos.

Alguns processos foram mais presentes, porém todos tiveram o mesmo objetivo, frisar, ressaltar, dar ênfase aos acontecimentos. O autor se serviu de aumentativos, diminutivos, adjetivos que representavam prestígios, verbos derivados de substantivos com o intuito de não só representar tamanho, tempo ou modo, mas em mostrar cuidado, prestígio, afeto, dar movimento e ação a substantivos que apresentam características importantes para a representação do autor. Desta forma, os neologismos apresentados na obra são compreendidos e revelados com a própria obra, isto é, os sentidos são desvendados e revelados no contexto em que estão inseridos.

A obra coutiana busca estimular o leitor a lançar um olhar ousado, reflexivo, além das crenças e tradições impostas pela sociedade e pela língua. E para representar esta insólita “estória”, a qual transcende o real, o autor transcende as palavras usuais para a reformulação de novos significantes para conter a carga lexical necessária e responder às suas necessidades. Como Biderman (2001) aborda sobre o porquê criar novos vocábulos “assim os usuários da língua a consideram, com frequência, desgastada e descolorida, o que os leva a inventarem novas formas que eles julgam corresponder melhor àquilo que pretendem dizer” (p.207). Este pensamento vem de encontro com o que a obra de Couto apresenta ao revelar “cor”, “vida” e “movimento” em suas palavras que são únicas e inéditas. Assim, a obra se materializa por meio de uma linda e ousada história que vem para quebrar paradigmas sociais, culturais e linguísticos e contribuir com a dinâmica das línguas.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. Neologismos sob um olhar discursivo. In: MARTINS, Evandro Silva; CANO, Waldenice Moreira; MORAES FILHO, Waldenor Barros (Org.) *Léxico e morfofonologia: perspectivas e análises*, v.4. Uberlândia: EDUFU, 2006, p.105-112.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria Linguística: teoria lexical e linguística computacional*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

COUTO, Mia. *O gato e o escuro*. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2008.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GUILBERT, L. *La créativité lexicale*. Paris: Laousse, 1975.

HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MARTINS, Evandro Silva. O neologismo Cruzesouziano e o Simbolismo. In: ISQUERDO, Aparecida Negri e ALVES, Ieda Maria (orgs). *As ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*, v. 3. Campo Grande, MS: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007.

ASPECTOS SEMÂNTICO-DISCURSIVOS DE NEOLOGISMOS NA POESIA MUSICAL

André VALENTE (UERJ/CLUP)⁷¹³

Resumo: Este artigo aborda algumas criações neológicas na poesia musical brasileira. Como suporte teórico para análise dos neologismos, recorre a trabalhos de autores de renome na área, entre eles Ieda M. Alves, Dubois e Boulanger. Para a distinção de poesia literária e poesia musical, utiliza o pioneiro estudo de Anazildo Vasconcelos sobre a poética de Chico Buarque, a obra “O Cancionista”, de Luiz Tatit e artigos de José Miguel Wisnick e Franciso Bosco. O corpus é constituído de letras de canções de Billy Blanco, Caetano Veloso, Chico Buarque, Chico César, Gilberto Gil, Luiz Airão e Toquinho/Vinicius.

Palavras-chave: Neologia. Poesia musical. Léxico. Discurso

1. Neologia e poesia musical

A integração de estudos sobre léxico e discurso vem constituindo a base das minhas pesquisas na área neológica. Faço-as na condição de membro do GT de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL e de integrante do CIAD (Círculo Interdisciplinar de Análise do Discurso), em corpora das linguagens literária e midiática. Aqui se dará destaque ao discurso da mídia e o corpus será constituído de neologismos retirados de linguagem musical midiática. Convém recordar que o processo de renovação lexical, sempre presente na linguagem literária, alcançou, nas três últimas décadas, grande destaque na linguagem da mídia. Nesta se encontram, com alta frequência, vários neologismos vocabulares ou semânticos tanto nas publicações de maior prestígio como nos jornais ditos populares. A neologia de forma e a neologia de sentido – na terminologia de Dubois - também são encontradas no campo poético-musical. Pretende-se, neste trabalho, estabelecer uma relação entre os estudos neológicos e a criatividade na poesia musical brasileira. Cabe recordar que já se estabeleceu – a partir do estudo de Anazildo Vasconcelos sobre a poética de Chico Buarque, nos anos 1970 - uma distinção entre a poesia elaborada para a literatura e a construída nas letras de canções. Os avanços obtidos na abordagem das criações neológicas devem ser estendidos ao estudo das melhores obras do nosso cancionário uma vez que tal linguagem tem forte presença na cultura brasileira tem sido objeto de investigações várias nas pesquisas acadêmicas, tanto nas pesquisas de natureza descritiva ou didático-pedagógica. Busca-se aqui uma releitura, numa abordagem linguístico-discursiva, de neologismos em letras de música com o intuito de enfatizar a dinamicidade linguística e contribuir para a renovação de corpus nas aulas de Língua Portuguesa.

No que respeita à classificação dos neologismos, há um ponto em comum entre os estudos os brasileiros, Alves, Barbosa, Carvalho, e os estrangeiros, Boulanger, Sablayrolles, Correia e Vilela: a existência de neologismos vocabulares e neologismos semânticos. Também se reconhece que as criações neológicas podem ser vernaculares, com ênfase nos processos de formação de palavras, ou podem decorrer de empréstimos linguísticos, como atesta Boulanger (1979, p. 65), “conclui-se que o neologismo é uma unidade lexical de

⁷¹³ Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

criação recente, uma acepção nova de uma palavra já existente, ou ainda, uma palavra emprestada desde há pouco a um sistema linguístico estrangeiro e aceita na língua.

A classificação dicotômica dos neologismos, formais/vocabulares e semânticos, tacitamente aceita pela maioria dos autores, tem outra denominação no estudo de Dubois et al. (1987, p.): a neologia de forma, fabricação de novas unidades linguísticas; a neologia de sentido, emprego de novos significados para significantes já existentes na língua.

A partir da primeira classificação dos neologismos, surgiram variações terminológicas vinculadas aos usos neológicos em linguagens várias. Assim, passou-se a falar em neologismos da língua ou denominativos em contraposição aos neologismos literários ou estilísticos.

Há quem prefira chamá-los, como Pinto (s/d, p.25) de Neologismos culturais e neologismos literários ou estilísticos: estes tomam o indivíduo criador como referencial; aqueles, o uso coletivo.

O reencontro de música e poesia que se observa hoje através da MP, é grandemente vantajoso para a poesia. Dissociada da música e confinada ao silêncio do livro, a poesia perdeu muito de seu poder comunicativo e deixou de desempenhar seu papel na sociedade moderna. Desse modo, o reencontro de música e poesia é um importante reforço comunicativo para poesia. (SILVA, 1980 p.06)

Mas a letra de música feita previamente à música uma vez que se dirige ao acabamento, não de si, mas da canção, e entretanto não conta ainda com a parte (a música) junto a qual, através das operações do *para* recíproco, formaria a totalidade da canção, não possui em seu processo de escrita nenhum critério confiável que possa assegurar o seu estar-pronta (BOSCO).

A poesia da letra é quando, sem nunca deixar de ajudar a pôr de pé a canção, a letra ao mesmo tempo se põe de pé sozinha:

*Solidão é lava
Que cobre tudo
Amargura em minha boca
Sorri seus dentes de chumbo
Solidão, palavra
Cavada no coração
Resignado e mudo
No compasso da desilusão*

Poema e letra de música são portanto coisas fundamentalmente diferentes: o poema está só, a letra está acompanhada – e eventualmente pode ter a solidão, por paradoxal que pareça, como suplemento (BOSCO).

Retratar bem um a experiência significa, para o cancionista, fisgá-la com a melodia. Ao texto cabe apenas circunscrever a temática que nem sempre seta diretamente relacionada com os fatos. Cabe a ele criar o acontecimento, selecionando unicamente o que é possível desenvolver nos limites da canção. Daí a técnica, tão comum da antecipação melódica. Cada fragmento melódico elaborado delimita uma área e os pontos de acento que nortearão o processo de seleção linguístico.

2. Análise do corpus

2.1. Na canção “Língua”, em que Caetano Veloso tece considerações linguístico-literárias sobre a modalidade brasileira da língua portuguesa, destacam-se os neologismos.

Flor do Lácio Sambódromo **Lusamérica** latim em pó
 O que quer?
 O que pode esta língua?

*

Vamos na **velô** da dicção choo-choo de Carmem Miranda

*

A língua é minha pátria
 E eu não tenho pátria, tenho mátria
 E quero **frátria**

- a) Lusamérica – criado por aglutinação de *lusa* + *América*, que representam, respectivamente, Portugal e Brasil, por sermos a América Portuguesa incrustada na América Espanhola;
- b) Velô – forma abreviada de *velocidade*, com o intuito de marcar o registro vocal da Pequena Notável. O neologismo dá nome ao disco de Caetano;
- c) Frátria – criado por paronímia com *pátria* e *mátria* para reforçar nosso laços fraternos com os lusitanos a partir do jogo intertextual com os versos de Fernando Pessoa no “Livro do Desassossego”.

2.2. Em “Mama África”, o compositor paraibano Chico César cria, por derivação sufixal, o verbo oloduzar a partir de Olodum, importante grupo musical de Salvador, representante expressivo da africanidade na cultura baiana.

Quando Mama sai de casa
 Seus filhos de **olodunzam**
 Rola o maior jazz
 Mama tem calo nos pés
 Mama precisa de paz...

2.3. Em “Bola dividida”, cnção recentemente regravada por Zeca Baleiro e Diogo Nogueira, Luiz Ayrão cria o verbo androginar, derivado sufixal de “andrógino”. Os aspectos linguístico-discursivos do neologismo ressaltam seu traço irônico no contexto da letra da canção.

Será que essa gente percebeu
 que essa morena desse amigo meu
 Tá me dando bola tão descontraída
 Só que eu não quero que essa gente diga
 Esse camarada se **androginou**
 A moça deu bola a ele e ele nem ligou

2.4. Em “Canto Chorado”, Billy Blanco cria o termo sufrência não obstante existir na língua a palavra *sofrimento*, que não já não lhe bastava para exprimir seus sentimentos. Ocorre, então um caso de desbloqueio, na visão de Aronoff. Para ele, há bloqueio quando a presença de um termo impede a criação de outro e desbloqueio quando se cria novo termo apesar da existência de outro. No 1º caso, falamos da dolarização ou urverização (de URV > urverizar) da moeda nacional, mas pudemos falar da realização quando se criou o *real*. No 2º caso, é exemplo de

desbloqueio a criação do neologismo sambeiro, com valor pejorativo, para marcar a diferença de *sambista*.

Só mesmo a palavra "**sofrência**"
 Que em dicionário não tem
 Mistura de dor, paciência
 Que é riso e que é pranto também
 Define o Nordeste que canta
 O canto chorado da vida
 Reclamam no Sul chuva tanta
 Errou de lugar na caída

2.5. Em “Parabolicamará”, Gilberto Gil cria, por aglutinação, o neologismo que dá título à canção. O termo resulta da fusão de *parabólica* + *camará* (forma abreviada de *camarada*), como, em entrevista, nos explicou o próprio compositor:

Parabolicamará une as palavras *parabólica*, da antena onipresente hoje mesmo nos recantos mais pobres do Brasil, com *camará*, a maneira que os jogadores de capoeira, a luta lúdica afro-brasileira, escolheram para chamar seus parceiros, camaradas, enquanto dançam e cantam.

Antes mundo era pequeno
 Porque Terra era grande
 Hoje mundo é muito grande
 Porque Terra é pequena
 Do tamanho da antena **parabolicamará**
 Ê, volta do mundo, camará
 Ê, ê, mundo dá volta, camará

2.6. Sobre a canção de Toquinho e Vinicius, muito se falou da inexistência de significados, na expressão “Tonga da mironga do kabuletê”. Nelly de Carvalho (2000) aponta três tipos de criação neológica: a vernacular, a por empréstimo e a criação do nada. No último caso, estariam “tititi” e a expressão de Toquinho e Vinicius. No entanto, a consulta aos dicionários Aurélio e Houaiss revela-nos que apenas Kabuletê não tem registro. *Tonga* significa “*língua* ou *reino*” e *Mironga*, “*briga/conflito*”.

Eu caio de bossa
 Eu sou quem eu sou
 Eu saio da fossa
 Xingando em nagô
 Você que ouve e não fala
 Você que olha e não vê
 Eu vou lhe dar uma pala
 Você vai ter que aprender
 A tonga da mironga do **kabuletê**

2.7. Na canção “Barafunda”, Chico Buarque inova na criação lexical ao sugerir o termo *úisque* contido na sequência “o esquecimento”. O compositor sugere uma relação *úisque/esquecimento* no campo da memória e recorre a um jogo entre os dois significantes: o sonoro e o gráfico.

Salve o dia azul
 Salve a festa
 E salve a floresta, salve a poesia
 E salve este samba antes que
O esquecimento
 Baixe seu manto
 Seu manto cinzento

2.8. Em “Um abraço”, Caetano Veloso (em entrevista de divulgação pelo disco “Abraço”) utiliza a derivação sufixal (*abraço* + *aço*) para dar conotação especial ao gesto afetivo, conforme suas próprias palavras:

Meu disco vai se chamar ‘Abraço’. Uso essa palavra às vezes para finalizar e-mails. Acho graça. É como golaço, jogaço, filmaço”, anunciou Caetano Veloso. E continua nos seguintes: “Ouço as pessoas dizerem também cansadaço, feiaço, tardaço. Achei golaço no Houaiss, mas não ‘-aço’ como sufixo aumentativo. Abraço é o mais lindo porque há a repetição do cê-cedilha. Parece um eco, um reverb verbivocovisual. E sugere não só um abraço mas também um abraço espalhado, abrangente, múltiplo.

Referências Bibliográficas

- ALVES, Ieda Maria. *Neologismos, criação lexical*. São Paulo: Ática, 1990.
- ARONOFF, Mark. *Word formation in generative Grammar*. Cambridge: MIT Press, 1976.
- BARBOSA, Maria Aparecida. *Léxico, produção e criatividade*. São Paulo: Global, 1981.
- BOSCO, Francisco. Trechos extraídos de suas colunas n’O GLOBO.
- BOULANGER, Jean Claude. *Néologie em marche*. Montreal: Office de la langue française, 1979.
- CARVALHO, Nelly de. *Neologismos. informação, criatividade*. In: AZEREDO, José Carlos de (org.) *Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CORREIA, Margarita & LEMOS, Lucia San Payo de. *Inovação lexical em português*. Lisboa: Edições Colibri/APP, 2005.
- DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- PINTO, Edith P. “De neologismos”, *Revista Confluência*, nº4.
- SABLAYROLLES, Jean-François. “Néologie et nouveauté(s)”. In: *Cahiers de Lexicologie*. Paris: Institut National de Langue Française, vol. LXIX, 1996-II.
- SILVA, Anazildo Vasconcelos de. *A poética e a nova poética de Chico Buarque*. Rio de Janeiro: Editora Três, 1980.
- VILELA, Mario. *Estudos de lexicologia do Português*. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.

COMUNICAÇÃO MÉDICA: NEOLOGIA, VARIAÇÃO E CONHECIMENTO

Maria Teresa Rijo da Fonseca Lino (Universidade Nova de Lisboa)
Madalena Contente (Universidade Nova de Lisboa)

Resumo: A Medicina é uma ciência em constante evolução e, conseqüentemente, da descoberta permanente. Presentemente, esta ciência aborda a investigação numa óptica de uma *Medicina da diferença*. Esta nova perspectiva da investigação médica visa novas concepções e, logicamente, a criação de unidades terminológicas diferenciadas, que dão conta de novos conceitos. A neologia terminológica e a variação terminológica exigem uma observação constante da língua; hoje, essa análise é feita a partir de diferentes tipos de *corpora escritos e orais de línguas de especialidade* ou de *corpora lexicográficos*, por parte de terminólogos, lexicólogos e lexicógrafos. Neologia terminológica e variação participam simultaneamente na inovação dos sistemas terminológicos e constituem um dos objectos de estudo da terminologia sincrónica e diacrónica. Hoje, as terminologias apresentam um grande número de neónimos de discurso (neologismos terminológicos de discurso) relativos a conceitos não estabilizados ou não normalizados. Esta dinâmica conceptual reflecte-se na língua de especialidade, onde novos termos são criados para denominar novos conceitos; estes neologismos terminológicos apresentam novas particularidades cognitivas relativas a um conceito, no seio de um ou vários sistemas linguísticos. Conseqüentemente, no plano da língua, o termo sofre, uma evolução ou uma contaminação semântica que pode dar origem a fenómenos de ambigüidade, de extensão semântica e de neologia. A comunicação médica estabelece uma relação humana sobre o princípio fundamental de confiança recíproca médico-doente, cujo princípio inicial é representado pela doença. Por outro lado, o conhecimento na comunidade científica internacional faz-se através das línguas, estando a dimensão cognitiva deste processo presente na conceptualização e na transferência de conhecimentos.

Palavras-chave: neologia, neónimia terminológica, neologismo terminológico.

1. Introdução

A Medicina é uma ciência em constante evolução. É a ciência da incerteza e da descoberta que, hoje, possui uma nova perspectiva de investigação designada de *Medicina da diferença*.

O dinamismo constante da investigação médica tem como consequência a criação de novos conceitos que se traduz em designações novas, isto é, em neologismos terminológicos e/ou novos termos; paralelamente, muitos conceitos já existentes adquirem novas particularidades conceptuais que se traduzem no sistema linguístico pelo surgimento de neologismos semânticos resultantes de polissemia, de metáforas e de metonímias de entre os processos de criação neológica mais frequentes.

A neologia terminológica (ou neónimia) e a variação terminológica são, hoje, objecto de estudo da Terminologia sincrónica e da Terminologia diacrónica (ramo da Terminologia que procura descrever estes dois fenómenos numa óptica de diacronia da língua ou de uma diacronia em sincronia, isto é, num curto período de tempo).

A evolução científica manifesta-se numa instabilidade conceptual e linguística. Esta dinâmica conceptual reflecte-se na língua de especialidade, tendo como resultado a criação de

novos termos e novas polissemias para denominar novos conceitos e novas mudanças cognitivas. Neonímia e a variação são uma consequência da criação e da evolução do conceito e parte integrante do processo neológico; são responsáveis pela instabilidade e, simultaneamente, pela renovação dos sistemas terminológicos.

2. Neonímia e corpora de especialidade

A neonímia é um fenómeno complexo e implica vários aspectos: um novo conceito; uma nova particularidade do conceito; instabilidade conceptual; estabilidade conceptual; evolução conceptual; variação conceptual; variação terminológica; estabilidade terminológica.

A neonímia terminológica (ou neologia terminológica) e a variação terminológica exigem uma observação constante da língua de especialidade (por parte de terminólogos, lexicólogos e lexicógrafos) a partir de diferentes tipos de *corpora de especialidade escritos e orais* e de *corpora lexicográficos de especialidade recentes*.

O conceito de *corpus de especialidade* tem evoluído, nestes últimos anos, de modo a permitir a descrição das particularidades da unidade lexical especializada, muito em especial, dos seguintes fenómenos: a) os diversos tipos de neologia terminológica; b) a variação que participa, frequentemente, na neologia científica; c) a estabilização do sentido do termo.

A língua de especialidade médica caracteriza-se pela presença de vários níveis de especialização: nível altamente especializado, nível banalizado e nível vulgarizado. Consequentemente, na nossa investigação, os *corpora de especialidade* são constituídos por vários graus de especialização de textos de língua médica. No entanto, privilegiamos os textos escritos altamente especializados, redigidos por especialistas para especialistas; observamos também *corpora orais* recentes que incorporam gravações de congressos médicos que permitem extrair neologismos recentes; por vezes, analisamos também *corpora* de textos de vulgarização, ricos em neologismos. Estes *corpora de especialidade* são complementares e caracterizam-se por serem *corpora abertos* de modo a poderem ser completados, posteriormente ou à medida que o trabalho se desenvolve, por textos necessários à investigação.

Lembramos que um *corpus* não é nem um arquivo de textos, nem uma base dados textual. A construção de um *corpus* é efectuada em função do objecto da investigação: “joue un rôle crucial dans une analyse à partir de/em *corpus*. Il NE faudrait pour autant en déduire qu’une fois l’objectif de l’étude clarifié, il ne reste plus qu’à trouver les textes pertinentes pour la mener à bien. [...] Cette notion de pertinence continue à évoluer tout au long de l’analyse” (Condamines, A., 2005). Segundo Rastier, um *corpus* é um “regroupement structuré de textes intégraux, [...] éventuellement enrichis des étiquetages et rassemblés de manière théorique reflexive” (Rastier, 2005).

Um conjunto de critérios semânticos, lexicais e pragmáticos está subjacente à organização do *corpus textual informatizado de especialidade* que integra textos de vários níveis de especialização, de diferentes tipos de locutores e de situações de comunicação especializada escrita ou oral; os critérios de selecção de tipos de textos, de géneros de textos e/ou de discursos permitem garantir a adequação dos textos aos objectivos pré-estabelecidos ao trabalho de investigação em Terminologia.

Nos *corpora de especialidade*, podemos observar um grande número de neologismos terminológicos de discurso, sinónimos neológicos de discurso relativos a conceitos não estabilizados ou não normalizados, no seio da comunidade de especialistas; estes neologismos de discurso são novas denominações não estabilizadas que denominam doenças, sintomas e as suas causas. Estas novas denominações são candidatas a termos efectivos que aguardam a

estabilidade do conceito e, a consequente estabilidade terminológica por parte da comunidade científica médica.

3. Neologismos terminológico, estabilização conceptual e terminológica

Apresentamos alguns exemplos de neologismos terminológicos, no domínio das *Doenças Neurodegenerativas*, mais precisamente no âmbito das *Bases celulares e moleculares*, onde uma *nova mutação do gene* é responsável por neologismos seguintes:

codificação anômala da proteína ACE
forma anômala da proteína ACE
proteína ACE sequestrada nas células

No neologismo *proteína ACE sequestrada nas células* podemos observar um carácter metafórico.

A *nova mutação do gene* tem como consequência o aparecimento de outros conceitos e, consequentemente, de outros neologismos:

disgenesia tubular renal
sistemas de controlo de qualidade das células

No neologismo *sistemas de controlo de qualidade das células* os constituintes *sistemas de controlo de qualidade* revelam um empréstimo intersistemas terminológicos, isto é, a outros sistemas terminológicos; *sistemas de controlo de qualidade* é um termo, por exemplo, na terminologia das Ciências do Ambiente.

Nos *corpora de especificidade* analisados com a ajuda do hipertexto *Hyperbase*, podemos observar alguns exemplos de *estabilização progressiva do conceito* que se manifesta no discurso especializado através de diferentes variantes terminológicas neonímicas que passamos a apresentar:

- a) dois neónimos sinonímicos em que um deles apresenta a forma reduzida *e.coli*:

escherichiacolienterohemorrágica; sigla: *EHEC*
e.colienterohemorrágica; sigla: *EHEC*

*nota: a sigla *EHEC* utilizada em português tem origem no termo inglês: *enterohemorrhagice.coli*

- b) neónimos sinonímicos em que um deles integra uma sigla:

infecção por e.coli enterohemorrágica
infecção por EHEC

- c) neónimos sinonímicos resultantes de variantes morfosintáticas:

síndrome hemolítico-urémico; sigla: *SHU*
síndrome urémico hemolítico

As alíneas a), b) e c) apresentam candidatos a termos com carácter neonímico, que reflectem uma progressiva estabilidade do conceito: as reduções, os sinónimos e as siglas participam nos processos neonímico e de variação neonímica.

Estes neónimos dão conta da evolução e/ou da variação do conceito “*escherichiacoli*” que tem um carácter internacional; o termo *escherichiacolie* a forma *e. coli* têm uma vocação universal; entretanto, surgiram novos conceitos e novos termos a ele associados que, durante um determinado período, foram analisados, descritos e harmonizados pela comunidade científica médica internacional, harmonizados também pelas comunidades científicas médicas de cada país :

Seis patotipos intestinais de Escherichiacoli-E. coli:

E. coli ienteropatogénica- EPEC
E. coli enterohemorrágica - EHEC
 ou *E. coli produtora de verotoxinas – VTEC*
E. coli enterotoxigénica– ETEC
E. coli enteroagregativa – EAEC
E. coli enteroinvasiva– EIEC
E. coli de difusão aderente- DAEC

As siglas têm uma função sinonímica, facilitam a comunicação médica intralinguística e a comunicação científica internacional. Têm, frequentemente, um estatuto de internacionalismo terminológico.

4. Neologia e harmonização

A neologia e a variação terminológicas têm causas múltiplas e, por vezes, não possuem limites claros; no entanto não podemos confundir conceito, neologismo terminológico, candidato a termo, termo e unidade lexical da língua corrente.

As Normas ISO 1087-1 e 704 que têm como objecto a “Terminologia da Terminologia” e o “Trabalho em Terminologia: Teoria e Aplicação” definem conceito como “unidade do conhecimento criada por uma combinação única de características” e termo como a “designação verbal de um conceito numa língua de especialidade num domínio específico”. Estes documentos definem neologismo terminológico como “um novo termo criado para designar um novo conceito” ou uma nova particularidade cognitiva do conceito.

Segundo a Norma ISO 1087-1, a harmonização dos conceitos designa a “actividade que consiste em reduzir ou eliminar as diferenças entre dois ou mais conceitos”; a harmonização dos conceitos constitui parte integrante da normalização que tem uma vocação internacional e um carácter de obrigatoriedade.

Por outro lado, segundo esta mesma Norma, a harmonização terminológica diz respeito à “actividade que visa designar, nas várias línguas, um mesmo conceito por termos que reflectem características idênticas ou similares ou cuja forma é a mesma ou similar”.

A harmonização conceptual é feita pela comunidade científica e, frequentemente, tem um carácter internacional; no entanto, em vários domínios do conhecimento, o conceito é sensível aos elementos culturais e às estruturas da sociedade.

A harmonização conceptual reflecte-se sobre a harmonização terminológica e consequentemente sobre a língua de especialidade de um sistema linguístico.

O trabalho em equipa realizado em colaboração entre terminólogos e especialistas de uma comunidade científica resulta, por consenso, numa terminologia a ser utilizada por estes especialistas.

Referências Bibliográficas

ALVES, Ieda (Org.). *Neologia e Neologismos em Diferentes Perspectivas*. São Paulo, Paulistana, CNPq. 2010.

BÉJOINT, Henri et THOIRON, Philippe. *Le sens en terminologie*, Lyon, Presses Universitaires de Lyon, Travaux du Centre de Recherche en Terminologie et Traduction, Université Lumière – Lyon 2.2000.

BENTO, Joaquim Rodrigues. *Da construção do corpus à construção de uma ontologia e base de conhecimentos terminológicos*, Tese de Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa. 2007.

CHICUNA, Alexandre. *Léxico Português-Kyiombe do Corpo Humano: particularidades dos morfemas flexionais*, Tese de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa. 2003.

CHICUNA, Alexandre. *Tratamento Lexicográfico dos Portuguesismos em Kyiombe*, Tese de Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa. 2009.

CONCEIÇÃO, M. Célio. *Concepts, Termes et Reformulations*, Lyon, Presses Universitaires de Lyon. 2005.

CONDAMINES, A. (2005) *Sémantique et corpus*, Paris, Hermes, Lavoisier.

CONTENTE, Madalena. *Terminocriatividade, Sinonímia e Equivalência Interlinguística em Medicina*, Tese de Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Colibri, 2008.

CONTENTE, Madalena e LINO, Teresa «A Neologia em Medicina – empréstimo e neologismo», *Cineo 2011*, Universidade de S. Paulo, no prelo.

COSTA, Rute. *Pressupostos teóricos e metodológicos para a extracção automática de unidades terminológicas multilexémicas*, Tese de Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa. 2001.

COSTA, Rute e SILVA, Raquel, “The verb in the terminological collocations. Contribution to the development of a morphological analyser”, *Proceedings LREC 2004 –IV International Conference on Language Resources and Evaluation*, Lisboa, p.1531-1534.2004.

FILHO, Sebastião C. Silva. *Dicionário contextual da toxicodependência: a polissemia nos neologismos técnicos e científicos*, Tese de Mestrado, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa. 2006.

GARCIA, Lurdes. *Dicionário Terminológico de Senologia, CD-ROM*, Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa e Sociedade Port. de Senologia, Lisboa. 2003.

LINO, Teresa. “Terminodidáctica: uma nova área de investigação”, in *Actas do VII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, 1991, p.14.

LINO, Teresa “De la néologie à la lexicographie spécialisée d’apprentissage”, *Cahiers de Lexicologie* 78 - Hommage à Robert Galisson, Paris, Honoré Champion, 2001, p.139-145.

LINO, Teresa. “Lexicographie de spécialité Plurilingue – Médecine et Pharmacologie en Langues Néolatines” in *Actes du séminaire interlatin de San Millan in la Cogolla*. 2003.

LINO, Teresa (coord.)“Vocabulaires de spécialité et lexicographie d’apprentissage en langues-cultures étrangères et maternelles”, *Etudes de Linguistique Appliquée* 135, Paris, Klincksieck, Didier Erudition. 2004.

LINO, Teresa e PRUVOST, Jean (coord.)*Mots et Lexiculture –Hommage à Robert Galisson*, Paris, Honoré Champion. 2003.

LINO, Teresa. « Néologie et polysémie dans la terminologie médicale », *Actes Mots de la Santé*, Université Lumière – Lyon 2, Lyon. 2007.

LINO, Teresa, MEDINA, Daniel, MOREIRA, José Domingos, CHICUNA , Alexandre “Rede de Neologia e de TerminologiaemLíngua Portuguesa (emsituação de contacto de Línguas)” in *Actas do Encontro da Associação das Universidades de Língua Portuguesa*, Praia, CaboVerde. 2008.

LINO, Teresa. “Idiomaticité en portugais d’un point de vue de la terminologie: collocations terminologiques et néonymie”, in *Actes du Colloque Idiomaticitédês Langues Romanes* , Paris, Université de Paris 8, le 11 et 12 décembre 2009. 2010.

LINO, Teresa, CHICUNA, Alexandre, GRÔZ, Ana Pita., MEDINA, Daniel. “Neologia, Terminologia e Lexicultura. A Língua Portuguesa em contacto de línguas”, *Revista de Filologia e Linguística Portuguesa* 12(2)Universidade de S. Paulo. 2010.

MENDES, Irene. *Da Neologia ao Dicionário. O caso do Português de Moçambique*, Tese de Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa, 2009.

NORMA ISO 1087 – 1 . 2000.

NORMA ISO 704 . 2009.

OLIVEIRA, Isabelle. *Nature et fonctions de la métaphore en science. L’exemple de la cardiologie*, Paris, l’Harmattan, 2009.

QUEMADA, Bernard. “Lexicographie”, *Lexicon der RomanistischenLinguistik (LRL)*, vol.V, I Tübingen, Max Niemeyer. 1990.

RASTIER, François. *Les enjeux épistémologiques de la linguistique de corpus*. In *La Linguistique de Corpus*. Presses Universitaires de Rennes. 2005.

SCANTAMBURLO, Luigi. *Dicionário do Guineense*, Lisboa, Colibri, vol I. 1999.

SILVA; Raquel, COSTA, Rute, FERREIRA Fátima. “Entre langue générale et langue de spécialité: une question de collocations”, *Etudes de Linguistique Appliquée* 135, Paris, Klincksieck, Didier Erudition.2004. p.347-359.

SILVA, Raquel. “Dynamique dénomminative et productivité morphologique en imagerie médicale”, in *Actes du Colloque la Mesure des Mots – Hommage à Philippe Thoiron*, Université Lumière Lyon 2, 2004. Lyon.

TAVARES, Alice. *As colocações nominais de base metafórica no domínio da economia*, Tese de Mestrado, Universidade Nova Lisboa. 2009.

CONFIGURAÇÕES DA NEOLOGIA SEMÂNTICA NA TERMINOLOGIA DA ÁREA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO: A METÁFORA CONCEITUAL

Fernanda Mello DEMAI (USP)⁷¹⁴

Resumo: Educação do Campo (EC) é a expressão atribuída aos conceitos referentes ao ensino, à aprendizagem e à Educação nas regiões rurais. O intuito deste trabalho é apresentar uma análise da conceptualização e do engendramento de termos da EC, com foco em sua configuração morfosintática e semântico-pragmática, bem como propor uma tipologia de metáforas conceituais. Utilizaremos *corpus* de análise neológico. Só existem metáforas de acordo com a lembrança das experiências humanas – logo as metáforas são motivadas por eventos e/ ou pensamentos anteriores. Exemplos: metáforas belicistas - *brigada; luta pela reforma agrária; luta pela terra; companheiro de luta; jornada de luta*.

Palavras-chave: Terminologia. Neologia. Semântica. Metáfora Conceitual. Educação do Campo

1. Considerações iniciais

Educação do Campo é a expressão atribuída aos conceitos referentes ao ensino, à aprendizagem e à educação nas regiões rurais, notadamente as que figurativizam movimentos sociais com objetivos libertários em relação à política e à cultura dominantes. Esses conceitos abrangem os princípios, a metodologia e os fins e ideais da Educação, bem como a organização da estrutura de ensino.

Essa Educação origina-se justamente nos movimentos sociais do campo – tais movimentos reconheceram e priorizaram a necessidade de haver uma educação tão revolucionária que acompanhasse as ideologias e a axiologia subjacentes: a justiça social por meio da distribuição correta das terras no Brasil.

A Reforma Agrária e a Educação do Campo são temas em voga no país desde os anos da década de 1980.

Diversos programas governamentais e movimentos de trabalhadores do campo ocupam-se do assunto, a fim de buscar soluções para o problema maior: a impetração da pobreza generalizada, notadamente nas áreas rurais.

Utilizaremos *corpus* de análise neológico, organizado para nossa tese de doutorado (em andamento), constituído por 700 termos e que abrange a produção textual da EC dos últimos 10 anos. Para o levantamento, a análise e a sistematização dos termos, seguimos os modelos da Lexicologia, da Semântica e da Terminologia (vertente da Socioterminologia), com o auxílio de ferramentas informatizadas.

Nos estudos das diversas terminologias, as metáforas trazem a discussão sobre a motivação denominativa.

⁷¹⁴ USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Endereço para correspondência: Rua dos Andradas, 140, 01208-000, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: fernanda.demai@gmail.com

2. A neologia semântica e a metáfora conceitual

Para Matoré (1952, p. 87-88, *apud* Alves 2007, p. 85) a neologia semântica se dá "por meio da atribuição de um novo significado a um significante já existente".

Sablaylorles (2010) chama a atenção para a necessidade de se restringir e distinguir a neologia semântica da ocorrência de neologia formal homonímica e polissêmica. O autor enfatiza que, para falarmos em neologismo semântico, é necessário encontrar ligação semântica plausível entre o sentido original e o novo (SABLAYROLLES, 2010, p. 92-93).

A neologia semântica pode decorrer do acréscimo de semas, no nível do discurso, a um significado inicial, que, então, transforma-se num significado diferente e autônomo - se a combinatória, até então inédita e/ ou inesperada, se cristalizar.

A neologia semântica decorre também da ruptura de isotopias. Um enunciado é isotópico se a combinatória de signos se der entre unidades que pertencem a um mesmo *topos*, a uma mesma classe de equivalência semântica, como, por exemplo, os *topoi* 'humano' e 'não-humano'.

A difusão dos saberes científico e técnico para além dos domínios extremamente especializados promove a (e é promovido pela) metaforização e pela transposição de vocabulário entre universos de discurso distintos.

Guilbert (1975), citando Guiraud, fornece o exemplo de "gueule-de-loup" ("garganta de lobo" ou "boca de lobo"), designação de uma planta pelo processo de metáfora, de comparação a uma parte de um animal.

A **Teoria Cognitiva da Metáfora**, proposta por Lakoff e Johnson em sua obra-marco *Metaphors we live by*, edição original de 1980, fundamenta muitos estudos sobre a natureza, as funções e as características de metáforas (e também de metonímias). Nesta tese utilizaremos a edição de 2003 dessa obra de Lakoff e Johnson.

Com os estudos cognitivistas, a concepção de metáfora não é mais voltada ao subjetivismo ou a um objetivismo estreito, nem é pensada como aparato estético da linguagem. A metáfora é pensada como uma forma de conceptualizar e de interpretar a realidade, pois cria associações relativas ao homem e sua percepção de si, da sociedade e do "mundo natural" que o cerca.

As metáforas estão presentes na língua comum, nas terminologias e também nas manipulações estilísticas da linguagem.

Nos estudos das diversas terminologias, as metáforas trazem a discussão sobre a motivação denominativa. Realmente há uma razão para o emprego dos termos metafóricos – e também dos metonímicos – inclusive nas denominações técnicas e científicas. Só existem a concepção e o emprego de metáforas (de acordo com as teorias cognitivistas, das quais nos apropriamos para análise do tema) de acordo com a lembrança das experiências humanas – logo as metáforas são motivadas por eventos e/ ou pensamentos anteriores. Dessa forma, as metáforas não são aleatórias, são motivadas pelas experiências físicas, sociais e culturais, como ocorre com as metáforas locativas, ou de deslocamento em uma trajetória, de acordo com uma sistemática, à qual subjaz uma lógica.

As metáforas prestam-se também ao objetivo de esclarecer um conceito, pois há experenciação de um conceito em termos de outro, de uma realidade, talvez mais complexa e hermética em termos de algo já conhecido, já vivenciado nos níveis mais básicos, como o ato de respirar, de se alimentar, de entrar e sair, de gritar por socorro, de engordar ou emagrecer, de correr, andar, deslocar-se, procurar abrigo, fugir do perigo, buscar calor e conforto etc.

Nas terminologias, com a necessidade de mais e mais especificações, as metáforas aparecem ligadas às formações sintagmáticas como um recurso elucidativo.

3. A metáfora conceitual na terminologia da Educação do Campo

Distinguimos alguns tipos de metáfora conceitual na terminologia da área de Educação do Campo, os quais apresentamos e analisamos a seguir, juntamente com uma síntese tipológica.

A. Metáforas orientacionais (metáforas de movimento e metáforas espaciais)

As metáforas orientacionais dão ao conceito uma orientação espacial; são motivadas pela experiência física e cultural; partem do concreto (experiência física do deslocamento espacial) para o abstrato (experiências emocionais e de interação social); são determinadas cultural e socialmente, como os outros tipos de metáforas.

Lakoff e Johnson (2003[1980], p. 14-15) chamam metáforas conceituais a organização de um sistema de conceitos em função de outro sistema de conceitos, considerando que este conjunto de conceitos deve guardar relações espaciais como “para cima”/“para baixo”; “dentro”/ “fora”, “para frente”/ “para trás”, “ligado”/ “desligado”, “central”/ “periférico”, entre outros (LAKOFF E JOHNSON, 2003 [1980], p. 14-15).

A seguir, demonstramos alguns exemplos de metáforas conceituais orientacionais de nosso *corpus*.

- (1) diretrizes operacionais para a educação básica nas escolas do campo
- (2) Diretrizes Operacionais para uma Educação Básica do Campo

Um documento ou um conjunto de documentos são itinerários a serem seguidos, como caminho, ou seja, "orientações".

(a) Metáforas de Movimento

Citamos alguns exemplos de metáforas orientacionais, do subtipo "de movimento":

- (1) Movimento das Mulheres Camponesas
- (2) Movimento dos Atingidos por Barragens
- (3) Movimento dos Pequenos Agricultores

A ação política ou social é um movimento, é algo que se move e que provoca uma transformação, é a transferência do concreto para o abstrato. O concreto é o ato de se deslocar no espaço, e o abstrato é a interação social em prol de uma causa. Outros exemplos de metáforas orientacionais de movimento:

- (1) ocupação da escola
- (2) ocupação da escola pelo MST
- (3) ocupação da terra
- (4) ocupação de terra
- (5) ocupação pelos sem-terra
- (6) ocupar a terra
- (7) processo de ocupação da escola

Implementar uma escola do campo é fazer uma ocupação (de um espaço, físico ou social), é satisfazer uma necessidade, é "preencher uma lacuna social" – é uma das acepções possíveis de *ocupar* na terminologia da Educação do Campo. Neste caso, *ocupar* é um caso de polissemia, e este significado é metafórico. O significado de *ocupar*, na terminologia da EC,

vai do mais abstrato para o mais concreto; na citação que segue, "ocupar" é uma ação para o mais concreto, considerando um *continuum* conceitual, ao contrário dos exemplos imediatamente anteriores.

Na maioria das vezes, a imprensa usa a palavra **invasão**, em vez de **ocupação**, para designar a entrada e o acampamento dos sem-terra dentro de uma fazenda. É preciso que fique claro que a área ocupada pelos sem-terra, é sempre, por princípio, **terra grilada, latifúndio por exploração, fazenda improdutiva ou área devoluta**.

[...] Invadir significa um ato de força para tomar alguma coisa de alguém em proveito particular. Ocupar significa, simplesmente, preencher um espaço vazio - no caso em questão, terras que não cumprem sua **função social** - e fazer pressão coletiva para a aplicação da lei e a desapropriação." (MORISAWA, 2001, p. 132).

(b) Metáforas espaciais

Citamos alguns exemplos de metáforas orientacionais do subtipo "espaciais".

- (1) Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
- (2) Centro Paula Souza

Um local de administração principal, responsável pela tomada de decisões que interferem na condição dos subordinados é um centro, um espaço central, ao redor do qual pessoas e produtos da civilização se juntam. Outros exemplos:

- (1) professor de dentro
- (2) professor de fora

O Movimento Sem Terra é um local em que o elemento "professor" pode ser "de dentro", ou seja, militante, assentado, acampado, ligado à realidade dos Sem Terra, ou pode ser "de fora", se não fizer parte de algum movimento social do campo e/ ou não estiver inserido em seus valores. Nesse caso, ser "de dentro" carrega um traço eufórico; e ser "de fora" traz uma carga disfórica no âmbito da área em estudo. O "ser de dentro" carrega traços semânticos de pertença, de ligação ao Movimento, mesmo se não for uma ligação física (residir em um assentamento ou acampamento do MST) e sim uma identificação ideológica com os princípios e objetivos dos movimentos sociais do campo.

[...] Um desdobramento imediato foi a discussão específica, então, sobre quem deveria trabalhar nas escolas de assentamento. Nos acampamentos essa era uma pergunta circunstancialmente respondida. Não havia *professoras de fora* dispostas a trabalhar em uma *rotina de conflitos* como aquela. Mas, quando começaram os assentamentos, isso se tornou uma questão relevante, sendo inclusive motivo de alguns desentendimentos entre as famílias. A maioria das chamadas *professoras de dentro* não tinha titulação adequada, somente permanecendo nas escolas dos assentamentos através de pressão da comunidade [...] (CALDART, 2004, p. 245-246).

B. Metáforas ontológicas (personificação)

As metáforas ontológicas são resultado da relação do homem com seu corpo e com o meio físico que o cerca.

Lakoff e Johnson (2003[1980], p. 25) referem-se à metáfora ontológica como possibilidade de estender nossas experiências com objetos físicos e substâncias a outros

domínios cognitivos, o que embasa o estabelecimento de padrões – e a própria sistematicidade das metáforas conceituais.

Neste trabalho, dentre as metáforas ontológicas, nos ateremos à personificação, que pode ser definida como a atribuição de traços humanos (características, comportamentos, capacidades, sentimento, pensamento) a entes não humanos, como objetos, animais, e até mesmo a conceitos abstratos. Alguns exemplos:

- (1) dinâmica do campo
- (2) dinâmica social do campo

A dinâmica é um estímulo para o desenvolvimento das ações do campo.

Há transferência do significado concreto "parte da Mecânica que estuda o comportamento dos corpos em movimento" para o significado metafórico abstrato de "estímulo para a evolução de algo".

Nesses usos metafóricos, o campo é um corpo em movimento, dotado de uma dinâmica própria.

C. Metáforas estruturais (sociológicas, lúdicas, agropecuárias/ naturais, belicistas, de construção, religiosas)

Nas metáforas estruturais, um conceito é estruturado conceitualmente em termos de outro.

Segundo Vilela (2002), as metáforas estruturais “consistem no fato de se projetar sobre um dado conceito complexo os aspectos correspondentes do conceito fonte, que, por sua vez, é também complexo, por exemplo, a inflação é um inimigo que é preciso combater (“*a luta contra a inflação é um inimigo que é o pão nosso de cada dia*”)” (VILELA, 2002, p. 109)

Para Lakoff e Johnson (2003 [1980]), as metáforas estruturais são a mais rica fonte de elaboração conceitual, pois permitem a associação e a conceptualização em níveis complexos, além de uma simples direção espacial (metáforas orientacionais) e além das experiências ontológicas (personificação e outras).

(a) Metáforas sociológicas

O primeiro subtipo que criamos, relativo às metáforas estruturais, é o das "metáforas sociológicas", que envolve valores pertinentes à organização da cultura e das sociedades".

1. negação da identidade rural
2. negação do mundo rural

A “identidade” e o “mundo” constituem-se em um conjunto de valores (ideologia) de um povo ou de uma cultura. A “negação” desses valores constitui-se em renegar, em desprestigiar esses valores, a cultura e o povo.

Entendemos por **Identidade Sem Terra** a capacidade do MST, rompendo com a leitura da falta de terra e do fim da agricultura familiar, produzir uma identidade coletiva que transformou os sujeitos de uma condição de falta (sem-terra) para uma condição de lutadores do povo, por justiça social e dignidade para todos (Sem Terra) e que conscientemente cultivam princípios e valores e os transmitem às novas gerações (Sem Terrinha) (MST, 1999, p. 206-207)

Esse tipo de metáfora estrutural, "metáfora sociológica", é extremamente relevante para a estruturação conceitual de uma área que prioriza o tratamento de problemas sociais em

suas práticas. O próximo subtipo de metáforas estruturais é o das metáforas lúdicas, conforme segue.

(b) Metáforas lúdicas

1. ciranda infantil
2. ciranda infantil do Movimento
3. ciranda infantil itinerante
4. ciranda infantil no MST
5. ciranda infantil permanente
6. ciranda infantil permanente nos assentamentos e acampamentos da reforma agrária
7. multiplicação das cirandas infantis

A escola infantil é um processo lúdico; há transferência dos traços abstratos de *ciranda* - "divertimento"; "alegria"; "motivação" - para essa modalidade de escola.

. O próximo subtipo de metáforas estruturais que criamos refere-se às metáforas agropecuárias/ naturais, cujos exemplos são citados a seguir.

(c) Metáforas agropecuárias/ naturais

1. cultivo da identidade Sem Terra
2. cultivo da mística
3. cultivo da mística da luta popular
4. cultivo da mística do MST

Valores, ideologias e esperanças/ motivações são “sementes” a serem plantadas e cuidadas, com perseverança, para resultar em bons frutos.

O próximo subtipo de metáforas estruturais é o relativo às metáforas belicistas, conforme os exemplos:

(d) Metáforas belicistas

- (1) brigada
- (2) formação dos continuadores da luta
- (3) jornada da luta
- (4) lutas dos movimentos sociais
- (5) companheiro de luta
- (6) companheiro do assentamento
- (7) companheiro Sem Terra
- (8) processo de luta pela Reforma Agrária

A busca por justiça social/ Reforma Agrária é uma luta que, muitas vezes, pode ser realmente na acepção de “embate corpo a corpo”.

Uma pessoa na mesma situação de outra é um companheiro, no sentido de aliado que divide os ideais, o ônus da batalha e o eventual bônus, se a luta for bem sucedida.

Numa área como a Educação do Campo, que está realmente ligada a uma luta - pela Reforma Agrária no Brasil - este tipo de metáfora é altamente profícuo, motivado (como também o são as outras metáforas) e altamente ligado à ideologia da área.

(e) Metáforas de construção

Este subtipo de metáforas, *de construção*, é altamente representativo e ideológico:

- (1) reconstrução do campo
- (2) reconstrução do campo e da identidade dos sujeitos
- (3) construção do paradigma de educação do campo

O espaço do campo é algo concreto a ser construído, a partir dos valores abstratos (princípios).

A identidade dos sujeitos é sua ideologia, que também é considerada, metaforicamente, um “edifício” a ser construído, sobre fortes “alicerces” - e sobre os alicerces corretos.

Já no termo *reconstrução do campo e da identidade dos sujeitos*, metaforicamente, o *campo*, como espaço e como conjunto de valores e de práticas, bem como seus habitantes, que dele e nele vivem, é algo destruído ou mal aproveitado, que necessita ser reerguido e melhorado.

O próximo subtipo de metáforas estruturais é o de "metáforas religiosas", conforme os exemplos a seguir.

(f) Metáforas religiosas

- (1) mística da abertura
- (2) mística da luta
- (3) mística da luta pela terra
- (4) mística da luta popular
- (5) mística da militância
- (6) mística do militante
- (7) mística do Movimento
- (8) Mística dos educadores
- (9) mística dos povos do campo

A esperança de conquistas sociais é uma questão de fé, praticamente uma religião – ou fundamentada em uma simbologia de valores religiosos. Essa esperança também é algo que não pode ser entendido completamente por dados unicamente objetivos - é necessário haver uma subjetivação na expectativa por melhorias.

Dessa forma, *mística* representa, sem dúvida, um caso de neologia semântica ligada ao processo de metaforização: a esperança nas conquistas sociais é comparada à esperança e à fé religiosa.

Apresentamos o quadro síntese da tipologia de metáforas que elaboramos para representar a conceptualização metafórica da área de Educação do Campo.

I. METÁFORAS ORIENTACIONAIS	II. METÁFORAS ONTOLÓGICAS	III. METÁFORAS ESTRUTURAIS
a) Metáforas de Movimento <i>Movimento das Mulheres</i> <i>Camponesas; ocupação da</i> <i>escola; Marcha dos Sem Terra</i>	a) Personificação <i>dinâmica do campo;</i> <i>concepção de campo;</i> <i>perfil da educação do</i> <i>campo</i>	a) Metáforas sociológicas <i>Negação da identidade rural</i>
b) Metáforas espaciais <i>Centro Paula Souza;</i> <i>professor de dentro;</i> <i>professor de fora;</i>		b) Metáforas lúdicas <i>Ciranda infantil</i>
		c) Metáforas agropecuárias/ naturais

<i>núcleo de agricultores nãoassentados; escola-base</i>	<i>Cultivo da identidade Sem Terra; campo da agricultura camponesa</i>
	d) Metáforas belicistas <i>Brigada; jornada da luta; companheiro de luta</i>
	e) Metáforas de construção <i>Reconstrução do campo</i>
	f) Metáforas religiosas <i>Mística da luta; mística do militante; mística do Movimento; Mística dos Educadores</i>

Figura 1 – Quadro Resumo da Tipologia de Metáforas da Educação do Campo. Fonte: a autora, 2013.

4. Considerações finais

Assim, os termos da Educação do Campo são caracterizados principalmente por três tipos de metáforas conceituais: metáforas orientacionais, metáforas ontológicas e metáforas estruturais.

As metáforas estruturais são as mais expressivas na Educação do Campo, ficando provado que a área busca outros conceitos, de outros campos do saber, para estruturar sua própria rede conceitual, (re) criando significados e significações.

As metáforas possuem alta relevância na conceptualização da área da Educação do Campo, bem como ocorre em outros campos do saber.

Dessa forma, as metáforas não são aleatórias, são motivadas pelas experiências físicas, sociais e culturais, como ocorre com as metáforas locativas, ou de deslocamento em uma trajetória, de acordo com uma sistemática, à qual subjaz uma lógica.

As metáforas prestam-se também ao objetivo de esclarecer um conceito, pois há experenciação de um conceito em termos de outro, de uma realidade, talvez mais complexa e hermética em termos de algo já conhecido, já vivenciado nos níveis mais básicos, como o ato de respirar, de se alimentar, de entrar e sair, de gritar por socorro, de engordar ou emagrecer, de correr, andar, deslocar-se, procurar abrigo, fugir do perigo, buscar calor e conforto etc.

Nas terminologias, com a necessidade de mais e mais especificações, as metáforas aparecem ligadas às formações sintagmáticas como um recurso elucidativo.

Procuramos descrever neste trabalho alguns aspectos da lógica de criação de metáforas na área da Educação do Campo, visto que seus termos são altamente motivados em relação à atuação de seus sujeitos, com seus objetivos, e lutas, e realizações.

Referências Bibliográficas

ALVES, Ieda Maria. Neologia e níveis de análise linguística. In: *As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Volume III. ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (org.). Campo Grande: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. p. 77-91.

_____. *Neologia e neologismos em diferentes perspectivas*. São Paulo: Paulistana, 2010. 291p.

CALDART, Roseli Salete. *Pedagogia do Movimento Sem Terra*. 3 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004. 440p.

GUILBERT, Louis. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975. (Coleção Langue et Langage). 285p. do editor Antonio Maria Pereira.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 2003 [1980]. 276p.

MORISSAWA, Mitsue. *A História da luta pela terra e o MST*. São Paulo: Expressão Popular, 2001. 256 p.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST). Cartilha FUNDEP/ DER/ MST RS - publicada em julho de 1990.

_____. Como fazemos a escola de educação fundamental. *Caderno de Educação, nº 9*, São Paulo: Iterra, 1999. 48p. _____. *Dossiê escola: documentos de estudos 1990-2001*. São Paulo: Iterra, 2005.

SABLAYROLLES, Jean-François. Néologisme homonimique, néologisme polysémique et évolution du sens. Pour une restriction de la néologie sémantique. In: VILELA, Mário. *Metáforas do nosso tempo*. Coimbra: Livraria Almedina, 2002. 408p.

O LÉXICO NO ENSINO DO PORTUGUÊS LÍNGUA MATERNA: NEOLOGIA EM PROGRAMAS E MATERIAIS DIDÁTICOS

Fernanda de Sousa BERTINETTI (UNL/FCSH)⁷¹⁵

Resumo: Esta comunicação apresenta uma problematização dos quadros conceituais no âmbito da neologia subjacentes em orientações curriculares e em materiais didáticos. O campo deste estudo circunscreve-se ao contexto do sistema educativo português, mais precisamente à disciplina de Português nos cursos do ensino secundário (10º, 11º e 12º anos de escolaridade) vocacionados para o prosseguimento de estudos. Tendo em conta que o léxico se assume como um sistema heterogéneo, dinâmico, com base na análise de um corpus constituído por textos didático-pedagógicos, importa considerar coordenadas não só linguísticas como também culturais que possibilitem a compreensão e a explicação das escolhas patentes nesse discurso.

Palavras-chave: Neologia; competências linguísticas; ensino; curricula; manuais.

1. Apresentação do trabalho

O trabalho agora apresentado tem como temática central a neologia e decorre de uma investigação em curso que incide sobre os esquemas conceituais subjacentes nas orientações curriculares e nos materiais didáticos. Neste âmbito, partindo da análise de um corpus constituído por textos programáticos, manuais e auxiliares de aprendizagem, importa equacionar a relevância conferida aos neologismos de língua corrente no quadro das componentes do denominado *conhecimento explícito da língua* no ensino e aprendizagem do português língua materna.

O campo desta pesquisa circunscreve-se ao contexto do sistema educativo português, com enfoque nos cursos do ensino secundário (do 10º ao 12º ano de escolaridade) vocacionados para o prosseguimento de estudos. A metodologia utilizada, de carácter interpretativo-inferencial, pressupõe a pesquisa documental dos textos tendo em conta dois tipos de critérios: reportarem-se ao ciclo de ensino objeto de estudo e vigorarem no momento atual. Com efeito, a análise do corpus, registo de ocorrências e respetiva quantificação com vista à interpretação dos resultados implicou não só a adequação de instrumentos de análise aos objetivos e às especificidades como também a definição dos critérios atrás referidos.

Dos estudos relacionados com o léxico (LEIRIA, 2006; LINO et alii, 2007; LINO et alii, 2010; ALVES, 2007, 2010; PINTO, 2012, entre outros) emerge o papel relevante que este assume na construção da gramática interna do falante de qualquer língua natural, pelo que consideramos de toda a pertinência debruçarmo-nos sobre a aplicação de conceitos do domínio da lexicologia no ensino e aprendizagem do português. Desta forma, importa averiguar a transposição desses conceitos para a área didático-pedagógica, problematizá-los à luz das orientações curriculares, incluindo a *Terminologia Linguística para os Ensinos Básico e Secundário*, com especial enfoque nas alterações mais recentemente introduzidas (2008) através do *Dicionário Terminológico* para consulta em linha.

2. Pressupostos teóricos

⁷¹⁵ Docente e Investigadora: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal. E-mail: professora.fsousa@sapo.pt

Entendida como sistema comunicativo que possui um léxico e um conjunto organizado de regras e operações, a língua materna de cada indivíduo contribui decisivamente para se reconhecer a si próprio e para ser reconhecido pelo Outro (MATEUS, 2000: p. 19). Enquanto expressão de identidade, revela-se na utilização que cada pessoa faz dela, em determinado momento e num determinada situação, incorporando competências individuais (Ser, Saber e Saber-fazer) que só na sua aplicação, em situações de uso em contexto, tendo em conta fatores pessoais, situações, constrangimentos, entre outros, concretizam a comunicação verbal de forma única e irrepetível.

A relação estreita entre língua e cultura⁷¹⁶, objeto de reflexão e de debate em diversas áreas do conhecimento, é hoje consensualmente reconhecida. Muitos autores defendem esta indissociabilidade língua-cultura, consubstanciada, na década de oitenta do século XX, nalguns neologismos terminológicos de Galisson⁷¹⁷ - *Didactologie des langues et des cultures, Lexiculture,...*⁷¹⁸

Assim, na linha de Galisson considera-se que os elementos de cultura estão presentes no léxico, “quer no subsistema da língua corrente, quer nos subsistemas das línguas de especialidade” (LINO et alii, 2010: p. 188). Por outro lado, partindo do pressuposto que o léxico é um repositório de palavras, estas configuram-se como formas em que se investem experiências afetiva e intelectual do sujeito, e a cultura dos grupos sociais e da comunidade linguística à qual ele pertence (BASTUJI, 1978: p. 84).

Por seu lado, Vigner sublinha a função estruturadora do léxico na expressão da experiência humana:

(...) savoir nommer les éléments du monde, exprimer ses sensations, pouvoir juger des êtres et des choses sont des composantes essentielles de la compétence de communication. Et c'est au lexique qu'il revient de cristalliser et d'incarner dans le discours ce qui ne serait autrement qu'un amalgame confus d'impressions et de sentiments.
(VIGNER, 1989: p. 134-135)

Atualmente, no ensino e aprendizagem do português o desenvolvimento da competência de comunicação, com vista a «uma comunicação oral e escrita eficaz», constitui uma das principais finalidades para a aula de língua materna. Com efeito, entre os objetivos enunciados no *Programa de Português* (COELHO, 2001: p. 2) pretende-se que os alunos sejam formados no sentido de serem comunicadores e interajam eficazmente com o Outro. Neste âmbito, cabe ao léxico um papel central no desenvolvimento da competência de comunicação: « Siège des significations brutes, pivot autour duquel gravitent les contextes, source des règles de combinaison syntaxique et discursive et voie d'accès à la communication... » (TRÉVILLE E DUQUETTE, 1996: p. 7).

Ora, o léxico perfila-se como um sistema heterogéneo, dinâmico e aberto, que se encontra em constante evolução e mudança. A língua renova-se através do léxico, sendo os neologismos que marcam a inovação, uma vez que se trata do “resultado de um processo de formação de novas unidades lexicais ou da atribuição de um novo sentido a uma unidade lexical já existente”. Incluem-se ainda como neológicas as unidades lexicais que, provenientes de uma língua estrangeira, são adotadas por outra língua (XAVIER & MATEUS, 1992).

⁷¹⁶ A este propósito, LINO (1980, p. 142) afirmava o seguinte: “Através da linguagem a experiência humana encontra uma expressão. (...) cada língua impõe, àqueles que a utilizam, um modo particular de leitura do real. Nenhuma língua é separável de uma função cultural.”

⁷¹⁷ VER Referências Bibliográficas.

⁷¹⁸ Hoje estes neologismos estão totalmente assimilados à metalinguagem de diversas disciplinas.

3. O discurso didático-pedagógico - das orientações curriculares aos manuais

No ensino e aprendizagem, as orientações curriculares constituem eixos estruturantes e basilares para a construção dos saberes escolares e para o desenvolvimento de competências nas diversas áreas disciplinares. Os programas de língua que vigoram no sistema educativo português pretendem conjugar a perspectiva holística da língua e a experiencial. No que respeita aos Programas de Português para o ensino secundário, Vieira de Castro (2008) defende que eles procuram conciliar dois pólos antagónicos: perspectiva funcional da língua e preocupação de influência humanista.

Com vista ao ensino da língua portuguesa, a lexicologia insere-se nos conteúdos de conhecimento explícito da língua contemplados na *Terminologia Linguística para os Ensinos Básico e Secundário*⁷¹⁹ e no Dicionário Terminológico do Ministério da Educação. Em Portugal, no final da década de noventa do século XX, a constatação de indefinição de conceitos do funcionamento da língua e discrepâncias no uso da terminologia no ensino do português levaram à criação do projeto da Terminologia Linguística com vista à sua aplicação nos Ensinos Básico e Secundário. É desta forma que surge a Portaria nº 1488/2004, que fixa a nova terminologia linguística, almejando a articulação vertical entre ciclos de ensino e a uniformização dos termos utilizados no processo didático-pedagógico.

Esta Terminologia passou a constituir referência para as práticas pedagógicas dos professores de Língua Portuguesa e de Português. No entanto, um ano depois, a falta de formação prévia dos docentes nesta área é apontada como a principal causa das dificuldades de implementação e de utilização desta terminologia (Portaria nº 1147/2005, de 8 de novembro), por conseguinte são estabelecidos prazos mais alargados no que diz respeito à experiência pedagógica da Terminologia Linguística.

O trabalho que envolveu equipas de especialistas sobre esta matéria foi objeto de polémicas e a Terminologia passou por revisões, aferição de critérios e sucessivos acertos, nem sempre consensuais, até ao surgimento da Portaria nº 476/2007, de 18 de abril, que vem estabelecer medidas quanto à sua implementação. Fica assim determinado, a nível macrocurricular, a revisão dos programas da disciplina de Língua Portuguesa dos 5º, 6º, 7º, 8º e 9º anos de escolaridade. A fase sucessiva anunciada no normativo respeita à homologação das orientações cuja vigência tem início a partir do ano letivo de 2010/2011.

Neste processo, a inovação reside essencialmente em duas vertentes: na aplicação desta terminologia no ensino não superior no sistema educativo português e, por outro lado, na função reguladora que o Ministério da Educação lhe atribui.

A importância e a centralidade do manual e dos materiais didáticos no processo de ensino e aprendizagem do português têm vindo a ser largamente equacionadas nos últimos tempos, em grande parte devido à emergência das novas tecnologias. A sua relevância e os usos em função dos contextos têm sido objeto de reflexão por parte de investigadores que remetem recorrentemente para o seu papel central como instrumento impulsionador no desenvolvimento de competências e saberes. Mesmo numa época em que todos assistimos ao poderoso impacto de suportes de ensino informatizados que pareciam pôr em causa o papel do manual, este continua a ser o suporte de aprendizagem mais utilizado em muitos contextos (incluindo o espaço geográfico português).

Instância mediadora e intérprete, o manual revela um exercício de interdiscursividade, em que estão subjacentes quadros concetuais e teóricos, traduzindo e filtrando orientações no domínio das políticas linguísticas e referenciais, uma vez que

⁷¹⁹ A Terminologia encontra-se anexada à Portaria nº 1488/2004.

incorporam uma leitura dos textos curriculares. A organização global dos materiais assenta em pressupostos de teorias e de métodos, que refletem as exigências de programas e as opções dos seus autores por uma determinada conceção. Segundo Grosso (2007: p. 178), o manual nem sempre tem uma linha orientadora metodológica “dependente de uma aparelhagem teórica didática das línguas”; pois “ela é sobretudo empírica, dependente da experiência dos autores”.

4. A neologia em materiais didáticos - análise e interpretação

A análise dos materiais didáticos tem como principal objetivo identificar referências à neologia. Além dos manuais, incluem-se neste conjunto de materiais os cadernos de atividades, com propostas de tarefas e de exercícios sobre conteúdos programáticos com o intuito de sistematização de conceitos e de aplicação dos saberes. Neste domínio, foram tidas em conta as fichas informativas inseridas nos livros que apresentam definições dos conceitos de neologia e de empréstimo.

Contempla-se o termo *empréstimo* visto que se configura como um fenómeno de inovação na língua-alvo: assim, considera-se que estamos perante um empréstimo linguístico “ (...) quando um sistema A utiliza e acaba por integrar uma unidade ou um traço linguístico que existia antes num sistema linguístico B e que A não possuía” (XAVIER & MATEUS, 1992). O *Dicionário Terminológico em linha* define *neologismo* como “palavra cujo significante ou cuja relação significante-significado era inexistente num estágio de língua anterior ao da sua atestação”.

No quadro que se segue foram consideradas três categorias: a *Designação* (da obra)⁷²⁰; o *Número de ocorrências de neologia* (em que se inserem fenómenos linguísticos que remetem para unidades lexicais neológicas) e referências diretas ou indiretas ligadas à neologia, ou seja, apresentação de *Conceito/Definição* (de neologismo; empréstimo).

Quadro 1 - Neologismos em Manuais de Português (11º ano)

Designação / Ano	Nº ocorrências	Conceito/Definição
<i>Entre Margens</i> – Manual 11º ano	1	Semântica Lexical e Processos irregulares de formação de palavras
<i>Expressões</i> – Manual 11º ano	1	Semântica Lexical e Processos irregulares de formação de palavras

No Quadro 1 está indicada apenas uma ocorrência em *Expressões*. Na última parte do manual denominada “Suplemento Informativo”, constituída por quatro partes (Oralidade e Escrita; Funcionamento da Língua; Recursos Estilísticos; Nova Norma Ortográfica da Língua Portuguesa) não existe qualquer referência direta aos neologismos, uma vez que o termo não é utilizado. A ficha de sistematização relativa à componente da Lexicologia abarca duas vertentes: Semântica Lexical e Processos irregulares de formação de palavras.

Também no manual *Entre Margens* constata-se que a ficha dedicada à neologia integra as designações “Semântica Lexical” e “Processos irregulares de formação de palavras”. Não é utilizado o termo neologismo.

Quadro 2 - Neologismos em Materiais Didáticos (10º, 11º e 12º anos)

⁷²⁰ Ver Referências Bibliográficas.

Designação/Ano	Nº ocorrências	Conceito/Definição
<i>Projeto Desafios</i> - Manual 10º ano	3	Processos irregulares de palavras. Definição de <i>empréstimos</i> : “palavras de outras línguas que entraram numa dada língua e que são comumente usadas pelos seus falantes. O Português conta com variadíssimos empréstimos, que foram ou não adaptados à índole da língua.”
<i>Projeto Desafios</i> - Manual 11º ano	3	Processos irregulares de palavras. Empréstimos.
<i>Projeto Desafios</i> – Caderno de Atividades 11º ano	1 ficha + 6	Definição de <i>neologismo</i> : “uma palavra nova que se cria ou se integra numa língua, sendo oficialmente reconhecida ou não como vocábulo desse idioma. Trata-se de um processo de enriquecimento do léxico que pode manifestar-se através de diferentes processos: derivação, composição, abreviação, empréstimo, etc.”
<i>Projeto Desafios</i> – Caderno de Atividades 12º ano	1	Definição de <i>neologismos</i> - “são palavras que eram inexistentes até ao estágio da evolução da língua em que foram atestados. Por outras palavras, os neologismos da língua portuguesa contemporânea são palavras que só recentemente integraram a nossa língua”.
SILVA & MARQUES, 2011 (livro de exercícios) Ensino Secundário	1	Definição de <i>neologismos</i> - “Um processo linguístico relacionado com as criações materiais e psicológicas que vão aparecendo nas sociedades de todos tempos, levando à formação de novas unidades lexicais (neologismos) para designarem essas criações. Desses neologismos distinguem-se aqueles cujos significantes não existiam na língua dos que apresentam relações novas entre significante-significado.

No Quadro 2 apresentam-se os resultados da análise de Caderno de Atividades, que constituem uma ferramenta didática que possibilita a ensinantes e aprendentes a realização de fichas de forma a aplicar/sistematizar saberes e desenvolver competências linguísticas e metalinguísticas. A explicitação de neologismo não clarifica quais os parâmetros que consideram que o termo seja uma “palavra nova” no idioma. O termo “oficialmente” não se afigura o mais adequado para a descrição linguística ligada ao processo de validação de uma palavra.

Na componente reservada ao Funcionamento da Língua, as tarefas da ficha 12 incidem sobre o neologismo. Entre as atividades propostas pretende-se a identificação do processo de

formação de palavras envolvido na formação dos neologismos: genérico, hiperatividade, entendível, blogue, metrossexual, credifone, otorrino, guarda-redes, genocídio, ajanotar(-se). Quanto às unidades lexicais parkour, balseiros, hacker, sushi, pizza, call center, pretende-se a identificação da origem dos referidos termos.

Em Silva & Marques (2011) uma ficha de trabalho incide sobre a neologia cuja definição é explicitada e, em seguida, salienta-se que os neologismos poderão entrar por duas vias: por processos regulares e irregulares de formação de palavras.

Quadro 3 - Neologismos em Materiais Didáticos (10º e 11º anos)

Designação/Ano	Unidades Lexicais	Textos literários Autor: Neologismos
<i>Projeto Desafios</i> - Manual 10º ano	<i>realpolitik</i> , <i>leitmotiv</i> , <i>harakiri</i> , <i>sushi</i> (de origem japonesa)	
<i>Projeto Desafios</i> – Caderno de Atividades 11º ano	<i>genérico</i> , <i>hiperatividade</i> , <i>entendível</i> , <i>blogue</i> , <i>metrossexual</i> , <i>credifone</i> , <i>otorrino</i> , <i>guarda-redes</i> , <i>genocídio</i> , <i>ajanotar(-se)</i> . Empréstimos: <i>parkour</i> , <i>balseiros</i> , <i>hacker</i> , <i>sushi</i> , <i>pizza</i> , <i>call center</i> .	Texto Mia Couto (de “Rungo Alberto ao dispor da Fantasia): - <i>fronteiriçam</i> (“Ele nasceu junto do mar, em lugar onde terra e mar se fronteiriçam.”); - <i>água-natal</i> (“Dizia: “Minha água-natal.”); - <i>olhável</i> (“A construção não podia ser olhável.”); - <i>embarcadeiro</i> (“Podia um semiurbano se aventurar a embarcadeiro?”)
<i>Projeto Desafios</i> – Caderno de Atividades 12º ano	<i>cibernauta</i> , UEFA, FCP, <i>moto</i> , <i>ping-pong</i> , <i>software</i> . <i>pizzaria</i> , <i>eurocrata</i> , <i>clicar</i> , <i>download</i> , <i>antirrugas</i> , <i>airbag</i> .	Texto Mia Couto (de “Os infelizes cálculos da Felicidade” in <i>Estórias Abensonhadas</i>): - <i>novesfora</i> (“O homem da estória é chamado Novesfora.”) - <i>algebrava</i> (“Qualquer situação lhe algebrava o pensamento.”) - <i>ataratonto</i> (“E, assim, o professor, ataratonto, relembra:”). - <i>desidosa</i> (“O professor demonstrava seu axioma, a irresolúvel paixão pela desidosa menina.”) - <i>desilusionista</i> . (“desfecho desilusionista”).

SILVA & MARQUES, 2011 (livro de exercícios) Ensino Secundário	<i>computador, CD-ROM, Internet, WEB, website, formatar</i> Empréstimos no campo da alimentação (<i>pizza</i>) e da vida quotidiana em centros urbanos (<i>shopping-centre</i>)	Texto de Eça de Queirós (de <i>Os Maias</i>): - <i>Lambisgonhice</i> e <i>Shake-hands</i> Texto de Mia Couto (do conto “A luavezinha”, <i>Contos do nascer da Terra</i>): - <i>Insistonto</i> - <i>Menineira</i> - <i>Aluarar-se</i>
---------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

No Quadro 3 verifica-se que no Projeto Desafios, 12º ano, as unidades lexicais estão relacionadas com as novas tecnologias e com o campo dos desportos. Num conjunto de termos é necessário identificar as neológicas. O estudo do texto literário está contemplado, pois “o neologismo pode ser uma criação literária de um escritor”. Eça de Queirós e Mia Couto são, desta forma, exemplos de escritores que recorrem profusamente à criação lexical.

Em SILVA & MARQUES (2011), uma ficha de trabalho incide sobre a neologia em que se distinguem os neologismos cujos significantes não existiam na língua dos que apresentam relações novas entre significante-significado. As atividades incluem a empréstimos no campo da alimentação (*pizza*) e do quotidiano urbano (*shopping-centre*). O recurso aos neologismos na literatura, como expressão da criatividade literária, é exemplificado mediante a análise de dois excertos, um de *Os Maias* de Eça de Queirós, o segundo do conto “A luavezinha” de Mia Couto.

No Caderno de Atividades, a identificação de neologismos integra-se nos processos de formação das palavras. As unidades lexicais estão relacionadas com as novas tecnologias e com o campo dos desportos. Por último, pretende-se que os aprendentes mobilizem os seus conhecimentos para criarem unidades lexicais neológicas.

5. Considerações Finais

A didatização de aspetos relativos ao léxico pressupõe a preocupação recorrente da explicitação de conceitos à sua aplicação. Contudo, nos materiais não se encontra clarificado que, no caso da neologia, o parâmetro mais adotado é o da verificação da entrada dicionarística.

Os exemplos integrados nos corpora integram unidades lexicais de campos ligados às novas tecnologias ou que remetem para vivências dos aprendentes, porém, não se promove a reflexão metalinguística nem se incentivam os aprendentes a desenvolverem tarefas criativas e de pesquisa com enfoque nas novas unidades lexicais.

O neologismo no texto literário é perspetivado como manifestação de um exercício de expressão da criatividade literária. No entanto, os aprendentes não são conduzidos a refletir sobre o desvio à norma.

Em geral, na abordagem das componentes do conhecimento explícito da língua verificam-se poucas ocorrências sobre o léxico e, em particular, o neologismo, pelo que consideramos que a competência lexical tem sido relegada para segundo plano. Neste trabalho demonstra-se que o estudo do léxico deveria ter muito mais relevo. Como hipóteses que explicam o plano periférico que ocupa no ensino, são de considerar tanto as características atribuídas ao léxico como a sua menor importância em confronto com a atenção dada à morfologia, à sintaxe, ou a domínios introduzidos mais recentemente nos textos programáticos (Linguística de Texto, Pragmática).

Referências Bibliográficas

- ALVES, Ieda Maria. *Neologia e níveis de análise linguística*. In: ISQUERDO, Aparecida Negri & ALVES, Ieda Maria (Org.). *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Vol. 3. 1ª ed. São Paulo: Editora Humanitas, 2007. P. 77 - 91.
- ALVES, Ieda Maria (Org.) *Neologia e Neologismos em Diferentes Perspectivas*. São Paulo, Paulistana, CNPq, 2010.
- BASTUJI, Jacqueline. *Les théories sur le vocabulaires — éléments pour une synthèse, Pratiques*, N.º 20, p. 84, Metz, 1978.
- GALISSON, Robert & PORCHER, Louis (Coord.). *Études de Linguistique Appliquée*. N.º 109, janvier - mars, Didactologies et Idéologies. Paris: Klincksieck, 1985.
- GROSSO, Maria José. *O discurso Metodológico do Ensino do Português em Macau a Falantes de Língua Materna Chinesa*. Macau: Universidade de Macau, 2007.
- LEIRIA, Isabel. *Léxico, aquisição e ensino do Português Europeu língua não materna*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.
- LINO, Maria Teresa. Importância de uma Lexicologia Contrastiva, *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, N.º 1, p. 137 - 152, 1980. Disponível em: unl.pt/bitstream/10362/4279/1/RFCSH1_137_152.pdf . Acesso em 2, jun 2013.
- LINO, Maria Teresa et alii. *Rede de Neologia e de Terminologia em Língua Portuguesa (em Situação de contacto de Línguas)*. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO DAS UNIVERSIDADES DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2007, Praia. Actas, Praia: Universidade de Cabo Verde, 2007.
- LINO, Maria Teresa et alii. Neologia, Terminologia, e Lexicultura: a Língua Portuguesa em Situação de Contacto de Línguas, *Revista de Filologia e Linguística Portuguesa*, N.º 12 (2), p.187-200, 2010.
- MATEUS, Maria Helena Mira. *Se a Língua é um Factor de Identificação Cultural, como se Compreende que a mesma Língua identifique Culturas Diferentes?* Educação & Comunicação, N.º 4, p. 9 - 21, 2000.
- PINTO, Camila. *Sinonímia, Polissemia, Homonímia em Manuais, Gramáticas e Dicionários Escolares para o Desenvolvimento da Competência Lexical*. 2012. 416 folhas. Tese (Doutoramento em 'Linguística. Área de especialização: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia') - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2012.
- VIEIRA DE CASTRO, Rui. *Lugares e Modos de Produção de uma Disciplina Escolar: o Caso do Português na Educação Secundária em Portugal*. In: IV COLÓQUIO LUSOBRASILEIRO SOBRE QUESTÕES CURRICULARES - CURRÍCULO, TEORIAS, MÉTODOS, 2008. Santa Catarina: Universidade de Santa Catarina, 2008.

VIGNER, Gérard. *Thèmes, champs lexicaux et activités discursives, Le Français dans le Monde*, n° spécial Lexiques (coord. Amr Helmy Ibrahim), p. 134-145, 1989.

XAVIER, Maria Francisca & MATEUS, Maria Helena Mira (Org.). *Dicionário de Termos Linguísticos*, Volume II. Lisboa: Edições Cosmos, 1992.

Orientações curriculares, auxiliares no ensino-aprendizagem e materiais didáticos:

COELHO, Maria da Conceição (Coord.). Programa de Português, 10º 11º e 12º anos - Cursos Científico-Humanísticos e Cursos Tecnológicos. Lisboa: Ministério da Educação/Departamento do Ensino Secundário, 2001.

AA.VV. *Dicionário Terminológico para consulta em linha*. Lisboa: Ministério da Educação/DGIDC, 2008. Disponível em: <http://dt.dgicd.min-edu.pt>. Acesso em 12, maio 2013.

SILVA, Inês & MARQUES, Carla. *Estudar Gramática no Ensino Secundário*. Porto: Asa, 2011.

SILVA, Pedro, CARDOSO, Elsa & MOREIRA, Maria do Céu. *Expressões - Português 11º ano*. Porto: Porto Editora, 2012.

PINTO, Alexandre Dias, MIRANDA, Carlota & NUNES, Patrícia. *Projeto Desafios: Português 11º ano*. Lisboa: Santillana, 2011.

PINTO, Alexandre Dias, MIRANDA, Carlota & NUNES, Patrícia. *Projeto Desafios: Português 12º ano*. Lisboa: Santillana, 2012.

SILVA, Pedro, CARDOSO, Elsa & MOREIRA, Maria do Céu. *Expressões: Português 11º ano*. Porto: Porto Editora, 2012.

MAGALHÃES, Olga & COSTA, Fernanda. *Entre Margens: Português 11º ano*. Porto: Porto Editora, 2011.

O NEOLOGISMO COMO PROCEDIMENTO DE COMPOSIÇÃO POÉTICA: ANÁLISE DO ROMANCE *CATATAU*, DE PAULO LEMINSKI

Carlos Augusto NOVAIS (UFMG)⁷²¹

Resumo: Resultado de pesquisa realizada sobre a obra ficcional de Paulo Leminski, analisa alguns dos principais procedimentos de composição presentes no romance *Catatau*, publicado em 1975. A análise evidencia o método da *montagem* e seu aproveitamento no plano específico dos neologismos literários. A partir da distinção entre *neologismo na língua* e *neologismo literário*, efetuada por Michael Rifaterre (1989, p. 52), é apresentado o caráter estético dos mecanismos formadores das *palavras-valise* e da produtividade de outros processos neológicos, como a derivação e a onomatopeia, e a transfiguração criativa de palavras já existentes no léxico comum.

Palavras-chave: Neologismo literário. Romance de invenção. Ficção brasileira contemporânea.

Apresentação

O romance *Catatau*, de Paulo Leminski, publicado de modo artesanal em 1975, carregando a fama de ininteligível, sempre permaneceu restrito a um pequeno grupo de apreciadores e/ou especialistas. Somente em 1989, a Editora Sulinas, de Porto Alegre, publica a sua segunda edição. O texto fora revisto e ligeiramente alterado por Leminski. Em 2004, temos sua terceira edição, crítica e anotada, produzida por uma equipe de pesquisadores da área de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, seguindo uma sugestão do poeta Décio Pignatari, então consultor de literatura da Fundação Cultural de Curitiba.

Importantes críticos e escritores brasileiros se posicionaram diante desse livro original. Risério (1989, p. 221) assim se refere a ele: “O *Catatau* não é romance nem ensaio. Texto conceitual e poético, além ou aquém de gêneros”; Bonvicino (1989, p. 224) o aponta como “a prosa mais densa e inventiva dos últimos dez anos”; Costa (1989, p. 226) afirma que ele é “a retomada da linha evolutiva da poesia concreta. É vanguarda”; Barbosa (2004, p. 392) o qualifica como “romance pós joyciano que pode ser considerada a peça de prosa mais ousada escrita no Brasil depois (cronologicamente) de Guimarães Rosa e das *Galáxias*, de Haroldo de Campos”. Todos esses testemunhos confirmam o compromisso do “*Catatau*” com a prosa de invenção e, conseqüentemente com a chamada “literatura da criação” (PINO, 2004).

De fato, presenciamos no romance *Catatau*, de Paulo Leminski, no âmbito do léxico, uma experimentação radical, com resultados bastante diversificados. Os experimentos vão desde a fragmentação, distorção e transformação dos vocábulos existentes até a formação de novos, com especial atenção para o caso da palavra-valise. O próprio narrador, metalinguisticamente, destaca esse procedimento: “Mudam as coisas, depravam-se as palavras, palavras depravadas falam certo de coisas erradas: me depompo, falando errado” (p. 56); “Fabrico o impossível no interior disto, dou fundamentos ao inscrível, ilumino o subtendido, elimino os matrimônios indissolúveis entre som e senso” (p. 59); “Para quem não fala, qualquer língua serve; mas para quem já disse tudo, mas eu que falo de muitas maneiras, preciso descobrir o ganho desses manejos todos” (p. 79). Verificamos nestas citações a

⁷²¹ Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, Brasil. carlosanovais@gmail.com

preocupação em estender os limites da língua, explorar suas potencialidades de significação, e, assim, tentar iluminar o não-dito, o que se esconde nos abismos da comunicação humana.

Vejamos algumas possibilidades desenvolvidas a partir de modificações morfológicas em palavras já conhecidas. Um primeiro caso é a divisão simples de palavras em outras: “gês gingando, rês pingando”, “cova ardia”, “mete os pés pelo ponésio”. Uma variação deste é a divisão com pequenas alterações das partes constitutivas, permitindo alguns trocadilhos: “para casa, pára, dóxico” (paradoxo), “de torto e de reito” (direito), “Toca fogo, meta faísca” (metafísica), “Atra versa” (atravessa), “Ah, jax?” (Ajax), “chupa sumo” (supra-sumo), “Af... unda!” (Afunda), “que qualquer pé quinino” (pequenino), “o touro glodita” (troglodita), “o em sinou” (ensinou), “talv & eis” (talvez). Outro caso é a separação de palavras em partes, alteradas ou não, com a inclusão entre elas de artigos ou preposições, formando uma expressão nova, porém lembrando a estrutura original: “Qual o drado de uma cuba?” (quadrado), “estar de alhaço efetivamente esfascela” (estardalhaço), “cara de anguejo dormingonho” (caranguejo), “Desfaça a tez, abra a caldraba, vá de gar, perca o minho, siga o douro, pedre o gulho!” (desfaçatez, abracadabra, pergaminho, seguidor, pedregulho), “considera o arquim como teto” (arquitecto), “pingo de uricalho” (penduricalho), “Cai e pira, picirico de cicaba” (caipira, piracicaba). Uma ampliação deste é a separação em partes com a inclusão de outras palavras entre elas: “palma seja dada à tória” (palmatória), “Na hora de achincalhar, o chim vem bem a calhar” (achincalhar), “O ras traz o cunho do seu pulso” (rascunho), “Cada um mais vérico que o que o precede” (cadavérico), “Tal, quem sabe, vez?” (talvez), “E se trans me muito, mutó” (transmutó), “inter-mortos-cedem” (intercedem), “Cal o em sinou a calor, neste cular?” (calcinou, calcular). O spoonerismo também ocorre, como em “Membro e deslembro umas coisas” (troca das letras “l” e “m”: lembro e desmembro). Outros casos nem tão modelares ainda podem ser vistos, como: “Se o cego se acabou, pronto: o ego se agapou” (inversão das sílabas de “apagou” para evidenciar o “g” de “ego”, num paralelismo com o “c” em “cego” e “acabou”), “frã são ciscos de assim” (divisão, inversão e modificação de partes de “São Francisco de Assis”).

O campo dos neologismos, sobretudo os que identificamos, com Rifaterre (1989), como “literários” é a seara do *Catatau*. O neologismo literário pode tanto adotar os processos básicos padronizados de formação de palavras, quanto assumir novos procedimentos. No *Catatau* encontramos ambas as situações, com extensa ocorrência da segunda, especialmente o caso da palavra-valise. Aqui nos atemos à exemplificação e análise da produtividade dos neologismos dentro do romance-idéia de Leminski.

O neologismo como elemento de criação poética

Dentre os processos regulares de formação de neologismos, três são fartamente utilizados pelo autor, o denominado de composição por justaposição, o de derivação e a onomatopeia. Na situação normal de criação de um novo vocábulo, para fins de uso na comunicação cotidiana, o primeiro caracteriza-se pela junção de palavras, com ou sem hifenização, na qual distinguimos um elemento determinado (idéia geral) e outro determinante (aspecto particular), para representar um significado autônomo. Por exemplo: guarda-roupa, beija-flor, passatempo. Como neologismo literário, entretanto, esse processo coloca em evidência o método da *montagem*, no qual duas ou mais palavras são justapostas para provocar a criação de um novo sentido, não dissociado dos primeiros, que permanecem atuantes.

É inequívoco o prestígio que o conceito de *montagem* experimenta, mais claramente a partir do século XX, no universo das artes, seja no plano da produção, seja no da sua crítica. Em torno dele gravitam vários outros como os de *acaso*, *aleatoriedade*, *fragmentação*,

descontinuidade, simultaneidade, justaposição e colagem, dependendo do campo considerado. Sua ascensão à categoria de recurso diferenciado acompanha as reverberações transdisciplinares desencadeadas pela alteração da cosmovisão ocidental clássica, que colocou em crise o modelo tradicional de representação do mundo, baseado na unidade das concepções de tempo e espaço, e na centralidade da noção de “sujeito”.

A *montagem* é, portanto, um procedimento de elevado valor estético, em razão de sua capacidade criativa e seu poder de sugestão. A seguinte passagem do *Catatau* comprova sua riqueza expressiva:

Venerandavaranda, cifreChipre. Buracoboca zonacoral, pedralaço britapedra. Vidanegócio sem graça para quemquervai. *Vampirilâmpagos* – o própriopapa. Círculoguarda jóianinguém, itchibun! *Ladatainha*, tinhavicunha porque tinhateve! Lagosta largabosta, *venenâncio deseslastra* sangueganso. Comprapalha, *marrabança*. Lagoaleoa *cachorroeira*, beleza lesa beleza. Lábiolesbo, *labirimeminim*. Incensoaceso *ananarinaz*, chapéu chamanariz, *chinfraxis*. *Mongoluscofuga* contracanto contratacampo, portada quasepartida, condorcarimbo – taráiratomba! Terminaganha *lequemate*, mesaporta, casaquadrada, balalau! (p. 190)

Vemos como é difícil fixar um significado imediato para o trecho. A presença, ainda, de algumas palavras-valise, grafadas por nós em itálico, amplia a indeterminação dos sentidos. Em razão da manutenção das noções originais dos termos justapostos e das sugestões que provocam, é possível, porém, esboçar alguns campos semânticos: uma moradia (varanda, porta, mesa, casa), alguns objetos (laço, jóia, lata, balança, incenso, chapéu, leque), uma paisagem (zona rural, brita, pedra, lagoa, cachoeira, campo), animais (chifre, vicunha, lagosta, ganso, leoa, cachorro, condor, traíra), pessoa (boca, lábio, nariz), comércio (cifra, negócio, compra, contrata, carimbo, ganha, xeque-mate). A identificação e o estabelecimento de relações entre esses campos proporcionam uma relativa compreensão do texto, o comércio de animais numa fazenda, por exemplo. Obviamente, esses recortes são frutos de uma determinada orientação de leitura; outras não só são possíveis como também esperadas. A participação ativa do leitor como colaborador no processo de constituição dos sentidos, portanto, torna-se fundamental nesse tipo de texto, propositalmente aberto. A convocação dessa participação, sem dúvida, é uma das virtudes essenciais do método da *montagem*.

O processo de formação de palavras por *derivação* é definido, de modo geral, como o acréscimo de afixos a uma palavra tomada como base ou sua redução. A partir de relações paradigmáticas são fixadas as regras de formação que, em situações discursivas corriqueiras, podem sofrer algum tipo de restrição. Na perspectiva literária, porém, sua produtividade ocorre com grande liberdade. Guimarães Rosa, por exemplo, faz dele um dos seus recursos estilísticos mais utilizados, criando novos vocábulos, morfologicamente não usuais, e renovando outros já corroídos pelo uso constante. Proença (1973, p. 223) comenta esse fato:

Para manter em permanente vigília a atenção de quem lê, todos esses vocábulos de som e forma inusitados funcionam como guizos, como coisas que se movem, criando, não raro, dificuldades à compreensão imediata do texto e, de outras vezes, explicando além do necessário. Mas, vencido o primeiro movimento de resistência – esse existe até, e principalmente em leitores letrados – a sensação do novo, do recomposto, do revivificado se impõe e Guimarães Rosa toma conta, quase leva a desejar que a língua seja sempre assim criadora e liberta de peia.

Também Leminski, no *Catatau*, aciona esse mecanismo produtivo de novas palavras, reconhecidamente de grande resultado poético, inclusive por desconsiderar as restrições institucionalizadas. Fazemos a análise de alguns neologismos criados pelo autor, usando o processo de *derivação*. Todos os neologismos abaixo, embora, em tese, estejam de acordo com as regras de formação de palavras, não se apresentam como produtos reais na língua, entre outras razões, pela existência de vocábulos correspondentes, de sentidos semelhantes. Sua raridade e estranheza, porém, associados ao fator surpresa, justificam seu emprego literário.

Vejam os casos. O primeiro é o da *derivação prefixal* (prefixo + base): “desesqueci”, “deslembro”, “descancelar-se”, “desconfundam”, “desgalope”, “desíntima”, “destrincheira”, “descorregadio”, “inacontecível”, “indescolável”, “repede”, “recoopera”. O prefixo “des-”, de origem latina, tem o sentido geral de negação, e é muito utilizado com verbos. Dessa maneira, acoplado a esquecer, lembrar, cancelar e confundir, ele indica uma ação contrária, apesar de já existir outros verbos com a mesma noção; ocorrendo junto a substantivos (galope, trincheira) e adjetivos (escorregadio, íntima) ele os nega. Também o prefixo “-in” significa negação e associado a adjetivos formados com o sufixo “-vel”, confere-lhes o significado “não-”. O prefixo “re-” representa repetição, mas, como os anteriores, também não é usado normalmente com as bases mencionadas.

O segundo caso é o da *derivação sufixal*: (base + sufixo): “destinadeiro”, “inutiliza”, “exclusivices”, “mesmismos”, “frenesismo”, “imbecível”, “espelhite”. O sufixo “-eiro”, no primeiro exemplo acima, designa a idéia de agente humano e foi acoplado a um substantivo, “destinador” (aquele que destina algo), por sua vez já derivado (sufixo agentivo “-dor”), do verbo “destinar”. Segundo a regra de formação correspondente, este procedimento não seria válido, pois o substantivo ao qual o sufixo “-eiro” está sendo aplicado já designa agente-indivíduo. Temos aqui, então, uma nítida situação de transgressão da regra. Outros casos de transgressão ocorrem com os demais exemplos. Os sufixos “-eza” e “-ice”, de função nominal, produzem substantivos abstratos indicando estado ou modo de ser. Para “inútil”, porém, já temos a forma usual “inutilidade” e para “exclusivo”, a forma “exclusividade”. O sufixo “-ismo”, entre outros, significa modo de agir, como em “mesmismos” e “frenesismo”, mas, para o primeiro termo já existe “mesmices” e, para o segundo, a forma original “frenesi” já carrega a noção pretendida. O sufixo “-vel” é muito produtivo na criação de adjetivos, especialmente acoplados a verbos. No caso de “imbecível”, a base já é um adjetivo. “Espelhite” apresenta o sufixo “-ite”, no sentido de inflamação. A estranheza fica por conta da natureza da base, “espelho”, um objeto inanimado.

O terceiro caso é o da *derivação parassintética* (prefixo + base + sufixo): “desesquisite-se”, “destictaca-se”. Nesses exemplos temos a derivação a partir do acréscimo simultâneo do prefixo “-des” (de negação) e do sufixo “-ar” (formador de verbos). As formas resultantes já aparecem flexionadas, porém, os verbos pressupostos, “esquisitar” e “tictacar”, não existem no léxico. Verificamos aqui, então, dois processos inventivos concomitantes, a criação de verbos incomuns e o acoplamento a eles de um prefixo de negação.

Já salientamos o fato de termos muitas vezes, para a comunicação cotidiana, palavras e expressões semelhantes ou pelo menos próximas, para substituir grande parte das noções acima. Entretanto, estas novas palavras, formadas por *derivação*, guardam uma particularidade estilística essencial: além da noção central que passam a representar, elas mantêm a original, já institucionalizada e agora incorporada à sua morfologia, e apontam para um terceiro nível de significação advindo da superposição das anteriores. Apenas para ficarmos num exemplo, “desgalope” não é simplesmente a negação de galope, significando, portanto lentidão. Em razão da palavra “galope” ser prontamente identificada no léxico mental do leitor, em contraposição à estranheza provocada pelo neologismo, ela permanece

reverberando e produzindo novas associações de sentido. Lentidão e rapidez se associam, ampliando a faixa de significação. Essa capacidade de sobreposição dos sentidos faz delas um produtivo elemento de criação poética, com grande função expressiva.

Outro processo de formação de palavras muito usado no “Catatau” é a *onomatopeia*, fenômeno linguístico simples e básico: a tentativa de imitação de sons naturais. Típicas da oralidade, as palavras onomatopaicas possuem uma grande liberdade de grafia. Mesmo aquelas já dicionarizadas se apresentam com variantes, fruto, talvez, do seu baixo aspecto de convenção, dependentes que são do ouvido e da circunstância de quem as usa. Sua criação ressalta o perfil lúdico da linguagem. Talvez a mais famosa de todas, na literatura, seja a que aparece no início do *Finnegans Wake*, de James Joyce, em seu terceiro parágrafo, composta de cem letras, polilíngue, para representar o som do trovão correspondente à queda de Finnegan: “bababadalgharaghtakamminarronkonnbronnttonnerronntuonntthunntrovarrhoumawnskawntoohoohoorordenenthurnuk”. Schüler (1999, p. 96) assim comenta o seu surgimento:

Ribomba o primeiro trovão, a primeira linguagem, nascida da própria natureza, modelo das primeiras palavras que se articularam. Por ser originária, encontram-se na voz do trovão embriões de todas as línguas. [...] A queda quebra a unidade, parte o silêncio (o ovo) nas mil e uma estórias do livro, nas mil e uma culturas, nas palavras que o livro procura reunir aos milhares. Luta inútil, porque cada combinação leva a outras combinações. Trata-se, entretanto, de uma queda para o alto. Pela queda, os homens caem da pré-história bárbara para a história da vida legislada, urbana, política, criativa, artística. O estrondo da queda retumba no polissílabo, ressoa nele a ira da voz divina que encerra a idade da barbárie.

Esta onomatopeia joyciana guarda, portanto, grandes significações. No *Catatau*, vários ruídos também se incorporam à linguagem, compondo um mosaico de sons e sentidos. Muitos são os artifícios usados, desde o simples registro de sons diversos (“shimbum”, “crã”, “plim”, “zaspt”, “urgh”, “gruh”, “puh”, “cronch”, “gluk”) até criações mais elaboradas. Vejamos algumas das invenções leminskianas. No segmento “o bico dos bichos [...] fica o cochicho. *Grugrugrugrudou!*” (p. 24), repete-se a primeira sílaba de “rudou” para imitar o som de um bicho; em “Amaripoulas [...] *vult...* de raspagem!” (p. 45), a supressão de uma letra de “vulto”, ao mesmo tempo em que transmite a noção da vaga presença de uma mariposa, sugerida pela palavra-valise *Amaripoulas* (amarílis + mariposa + papoulas), sonoriza sua rápida passagem, confirmada em outra palavra-valise, *raspagem* (raspão + passagem); em “Naguessúcares, *sanf!*” (p. 65), o som do ato de sugar é reproduzido a partir da primeira sílaba do nome da coisa sugada, o sangue, já presente naquele que suga, a sanguessuga (na palavra-valise *Naguessúcares* = n’água + sanguessuga + açúcares); em “Estalo os dedos no ritmo do coração, *bombombombomtom!*” (p. 66), o som das contínuas batidas do coração são imitadas pela repetição e junção das palavras “bom” e “tom” que ainda informam sua qualidade; em “agogogongo” (p. 72) o ruído é construído a partir do próprio nome do instrumento que lhe deu origem, o agogô, justaposto ao nome de outro instrumento, o gongo; em “*Zum!* O eco depressa o cem em um, *zamzumim!*” (p. 154), o barulho de um objeto passando velozmente, “zum”, ecoa e perdura ao se ligar ao ouvinte, a partir do compartilhamento do seu fonema “m” com o pronome “mim”; em “trêsbarufos, três toques! *Toco, tuco, tucum!*” (p. 82), a troca das vogais reforça a representação do rufar dos três barulhos (*trêsbarufos* = três + barulhos + rufos); em “O oleiro, *schlept, schlept, nhekt*” (p.154), e “O varredor, *xlep, xlep, xlepft*, ao que lhe retrotruncou nas barbas de serpilho o roscfosc: *glub, plug, glut*, isso é pelo aguazil!” (p.158), os próprios ruídos substituem,

metonimicamente, as ações sugeridas. Procuramos mostrar com os exemplos acima, um pouco do refinado artesanato linguístico produzido por Leminski com as onomatopeias.

Dentre os neologismos do *Catatau*, as palavras-valise assumem lugar de destaque. Registramos, em seu texto, cerca de 2.800 ocorrências. Elas adquirem uma importância relevante não só por sua quantidade, mas por sua qualidade funcional no projeto construtivo do romance. O próprio narrador salienta este aspecto: “Afirmo tudo. Onde não há provas, grito palavras novas.” (p. 55), “Digo palavras que não são – para achar o que sou.” (p. 45), “Quero mais que dizer o que penso, quero pensar a mais não dizer poder.” (p. 67). Sua função primordial consiste em produzir disjunções, reduplicações de sentidos, a partir da montagem de séries semânticas heterogêneas. Seu uso em um texto, em graus variados de intensidade, pode provocar resultados diferenciados na construção geral de sentidos. Aqui analisamos duas situações básicas: quando em pequena quantidade e pontualmente localizadas; e em grande profusão, numa sequência vertiginosa. Entre essas situações, obviamente, encontramos uma grande variedade de possibilidades, com resultados diversos.

No primeiro caso, a palavra-valise, em destaque no contexto verbal, atua na organização dos campos semânticos postos em relação, ampliando as possibilidades de interpretação. Transcrevemos a seguir alguns trechos do *Catatau* em que sua presença abre o leque de opções de significação. A primeira palavra-valise do romance aparece na seguinte passagem: “Palmilho os dias entre essas bestas estranhas, meus sonhos se *populam* da estranha fauna e flora: o estalo de coisas, o estalido dos bichos, o estar interessante: a flora fagulha e a fauna floresce...” (p. 15). As noções de “copulam”, “pululam” e “pulam” associadas à de “população” se relacionam, reforçando a diversidade do ambiente descrito. O verbo “copular” não só aponta para o entrelaçamento entre fauna e flora anunciado na oração “a fauna floresce”, como põe em evidência o sentido erótico dessa união; “pulular” retoma este aspecto, ao indicar a germinação e a rebentação de brotos, acrescentando as sugestões de rapidez, renovação, de calor intenso e de grande quantidade; “pular” dilata a idéia de movimento, tornando-o vivo; o substantivo “população” agrega os sentidos anteriores e corrobora a visão de estranheza do universo representado ao se referir indistintamente a plantas e bichos. Analisemos outra passagem: “As palavras se afugentam umas às outras como manadas perseguem manadas, mil matilhas lhes latindo aos *alcansalhares*.” (p. 100). Justapostos, “alcance”, “calcanhares” e “olhares” compõem, sinteticamente, a partir da união de aspectos particulares, o quadro geral anunciado pela comparação entre palavras e bichos que se perseguem. Uma versão possível: como animais em debandada, lançando “olhares” surpresos e temerosos entre si, as palavras têm os significados perigosamente ao “alcance”, “lhes latindo aos *calcanhares*”. O perigo, assim, residiria na perda de sua liberdade ao ter sua potencialidade sígnica limitada pela convenção do significado. Outra versão: as palavras perseguem, entre “olhares” aflitos, os sentidos quase ao “alcance”, muito próximos, aos “calcanhares”, mas estes, como animais em perigo, fogem em disparada. Desta feita, o que está em perigo é a sua capacidade expressiva. Em razão da funcionalidade da palavra-valise, entretanto, ambas as versões (conquista e perda do sentido) se relacionam, se imbricam e se superpõem ecoando os vários planos significativos da comparação.

No segundo caso, sua proliferação excessiva, propagando-se por todo o texto, reverberando-se mutuamente, provoca o estilhaçamento dos sentidos. Sua função disjuntiva, ampliada por sua extensa presença, ao levar aos extremos as possibilidades interpretativas, acaba por promover uma fragmentação tal, que praticamente impede a fixação de todo e qualquer sentido. Se, na situação anterior, a palavra-valise abria novos caminhos de leitura, que se complementavam, agora, sua presença ostensiva parece ofuscar qualquer provável direção, ao estabelecer um verdadeiro labirinto sígnico, sem ponto de partida ou de chegada.

Vejamos uma passagem, entre tantas que se sucedem no *Catatau*, em que esta situação ocorre:

Gistro o mexistofalante e regislo o ventoinvelho, arcoisercarca espadaptada. Conseculência coneforme. Constróiturma, semprexemplo. Iterravales inteligentalha desvendez. Pérsiagunta almapriasma, farofídio estertora escolalápis. Baptistmos exurbebrutamontontes escalacalipse quasarmazém. Álcoolalá, nervervos. Quaso é a cegoseguinte acontececoronha. Mon. Homemom. Monge, tostemonja. O espinhoritmo da manchamusa, corvorpo gorpsobolachasanguedemula, sapatapasso de tábularolha. O catapulcancro trancabronca as cobracabroezas: trocatróia por uma bombaocada para cadaunze. Aquilatacáculo. Olhego para ulmimbrividigo, quevedeovo vendavândalo quebreca a obradobra, cobrabobásbaro. Nervervorosa, gotagotamorre. A togomorre baboborel. Tantalicodecomida trabalhase? Egoipsogo arcarrâncaras no espedrelho. Calvalálcool, caracaracteco. Escredeverde esbortugago, áleacabala, áreárea. O homorganisbo semprestecem marimaia, arquiteto de um pintateuto, atatitudeth nevenihilin. (p.188)

A passagem completa, repleta de palavras-valise e de outros tipos de neologismos, se alonga por mais de duas páginas. Este é apenas um pequeno trecho, mas suficiente para dar uma idéia da sua função disjuntiva. Fazendo um rápido e simples exercício de leitura, vejamos algumas das possíveis noções postas em jogo, desdobrando as palavras-valise que conseguimos identificar, em suas prováveis bases formadoras e/ou aludidas. Registramos que nem sempre elas são nítidas, ficando muitas vezes apenas presumidas: gistro (giro + registro), mexistofalante (mexido + visto + alto-falante), regislo (registro + legislo), ventoinvelho (vento + inverno + velho), arcoisercarca (arco + insere + cerca + arca), espadaptada (espada + adaptada), conseculência (conseqüência + consecutivo + truculência), confenorme (conforme + enorme), semprexemplo (sempre + sem exemplo), iterravales (intervalos + terras + vales), inteligentalha (inteligente + gentalha), desvendez (desvendar + vender + indez + invalidez), Pérsiagunta (Pérsia + pergunta), almapriasma (alma + prisma + prima + asma), farofídio (faro + farofa + ofídio), Baptistmos (Baptista + istmos), exurbebrutamontontes (exuberante + urbe + brutamontes + montante + tonto), escalacalipse (escala + cala + elipse), quasarmazém (quasar + armazém), nervervos (nervos + verve), quaso (caso + quase), tostemonja (testosterona + monja), corvorpo (corvo + corpo), gorpsobolachasanguedemula (gordo + lapso), catapulcancro (catapulta + cancro), cobracabroezas (cobras + cabras + proezas), trocatróia (troca-troca + tróia), bombaocada (bomba + bombocado + cocada), cadaunze (cada + um + lambuze), olhego (olho + chego), quevedeovo (Quevedo + devo), vendavândalo (vendaval + vândalo), quebreca (quebra + breca + Quebec), cobrabobásbaro (cobrador + brabo + ás + bárbaro), nervervorosa (nervosa + fervorosa), baboborel (babel + abóbora), trabalhase (trabalho + transe), arcarrâncaras (arcanjo + carranca + caras), espedrelho (espelho + pedra), calvalálcool (calvário + vala + álcool), caracaracteco (cara a cara + característico + -piteco), escredeverde (escreva + crede + verde), esbortugago (esbórnica + Portugal + gago), homorganisbo (homóforo + organismo), semprestecem (sempre + entristecem), marimaia (maria + maia).

O simples desdobramento realizado acima, já nos dá uma dimensão da quantidade e da diversidade dos elementos colocados em relação em tão pouco espaço textual. Do ponto de vista interpretativo, a situação se complica quando lembramos que a função de uma palavra-valise é exatamente ultrapassar as faixas individuais de significação das bases envolvidas em sua composição, produzindo novos sentidos advindos justamente do contato entre elas. A

proximidade em que elas se encontram umas das outras, ainda favorece o relacionamento entre as bases de palavras diferentes, cruzando novas informações.

Os efeitos estéticos de linguagem presentes nas construções neológicas do *Catatau*, identificado pelo próprio autor como um romance-ideia, favorecem os jogos de palavras, trocadilhos e a multiplicidade de sentidos em breves doses poéticas. As idéias se acumulam em camadas, reverberam-se nas analogias dos sons, detonando um campo de significação plural. Dessa perspectiva, seria quase impossível deter-se numa trilha de leitura. Mas é este o desafio que se apresenta ao leitor do *Catatau*, que se vê, então, diante de um emaranhado de signos, de um verdadeiro texto-partitura, que lhe convida para a aventura da criação.

Referências Bibliográficas

ATTRIDGE, Dereck. Desfazendo as palavras-valise, ou quem tem medo de *Finnegans Wake*? In: NESTROVSKI, Arthur (Org.). *Riverrun: ensaios sobre James Joyce*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. (Biblioteca Pierre Menard)

BARBOSA, Frederico. Elogio da hipérbole [fragmento]. In: LEMINSKI, Paulo. *Catatau: um romance-idéia*. 3. ed. Curitiba: Travessa dos Editores, 2004.

BONVICINO, Régis. Com quantos paus se faz um *Catatau*. In: LEMINSKI, Paulo. *Catatau: um romance-idéia*. 2. ed. Porto Alegre: Sulinas, 1989.

CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem & outras metas: ensaios de teoria e crítica literária*. 4. ed. rev. ampl. São Paulo: Perspectiva, 1992.

COSTA, Ivan da. A literatura destronada (a literatura reconstruída). In: LEMINSKI, Paulo. *Catatau: um romance-idéia*. 2. ed. Porto Alegre: Sulinas, 1989.

LEMINSKI, Paulo. *Catatau: um romance-idéia*. 2. ed. Porto Alegre: Sulinas, 1989.

PINO, Cláudia Amigo. *A ficção da escrita*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004. (Estudos Literários, 16)

RISÉRIO, José Antônio. *Catatau: artesanato*. In: LEMINSKI, Paulo. *Catatau: um romance-idéia*. 2. ed. Porto Alegre: Sulinas, 1989.

RIFATERRE, Michael. *A produção do texto*. São Paulo: Martins Fontes, 1989. (Ensino Superior)

O VALOR ESTILÍSTICO DAS CRIAÇÕES LEXICAIS NO DISCURSO LITERÁRIO: UMA ANÁLISE DAS COMPOSIÇÕES METAFÓRICAS EM JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Rosana Maria Sant'Ana COTRIM (UNESP-FCLAr / SEDUC-MT)⁷²²

Resumo: As criações lexicais literárias apresentam particularidades estilísticas que restringem o desempenho de suas funções expressivas ao enunciado em que estão inseridas. Razão pela qual elas são concebidas como um recurso discursivo e raramente são incorporadas ao léxico de uma língua. Contudo, por engendrarem efeitos de sentido relevantes ao enunciado, tornam-se merecedoras de atenção. Este trabalho apresenta, portanto, uma análise das criações lexicais resultantes do processo de composição metafórica e respectivos efeitos de sentido na poética de João Cabral de Melo Neto. Trata-se de poeta modernista brasileiro cuja produção, assim como a de tantos outros escritores, muito se tem beneficiado do recurso às criações lexicais.

Palavras-chave: Neologia estilística. Criação lexical literária. Efeito(s) de sentido. Discurso literário.

1. Neologia estilística, expressividade e escolha lexical

O neologismo literário demanda uma percepção diferenciada em relação aos demais tipos de neologismos. Sua concepção e análise evocam a consideração do aspecto expressividade que agrega ao seu sentido. Seu exame, neste trabalho, tem por base os estudos de Guilbert (1975, p. 40-44) dos quais emana a concepção de criação lexical. Compreendendo, pois, a neologia como uma demonstração da "criatividade" lexical, ele concebe, além da neologia denominativa, correspondente à necessidade de denominação de novas experiências (fatos ou objetos), uma neologia estilística que diz respeito a uma forma especial ou particular da expressividade da palavra em si ou de uma frase pela presença de uma palavra nova com o objetivo de traduzir de maneira original ou inédita certa visão pessoal do mundo.

Sob esta perspectiva, admite-se que a neologia estilística se dá mais por estratégia discursiva do que para o preenchimento das lacunas existentes no léxico de uma dada língua; pouco concorrendo, portanto, para a ampliação desta. Ora, quase sempre resultante da literatura, ela tende a valer mais por seu "efeito de momento" (CÂMARA JR., 2004, p. 63), visto que serve exclusivamente para executar uma tarefa expressiva que a atualiza no discurso. Isto é, a cada realização a neologia estilística é capaz de instalar novos sentidos de modo a levantar novas possibilidades enunciativas relacionadas aos respectivos contextos e às possíveis leituras que lhe cabem. Sem dúvida, isso garante à unidade nova de cunho estilístico uma flexibilidade interpretativa resultante do leque conceptual que o discurso literário lhe é capaz de permitir; em contrapartida, restringe seu emprego. Não obstante, seu incontestável valor expressivo torna-a digna de consideração. Pondera Martins:

⁷²² Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Ciências e Letras, *campus* de Araraquara / SP, Brasil e professora da Rede Pública de Ensino Básico do Estado de Mato Grosso, Brasil. E-mail: rocotrim@ibest.com.br.

Ainda que as novas palavras tenham existência efêmera, elas revelam um meio de o falante realizar o seu desejo de expressividade. Muitas delas são realmente de emprego restrito, e não poucas se limitam a uma ou outra ocorrência [...]. Mas pela sua novidade, causam um inegável efeito expressivo que não se pode menosprezar (MARTINS, 2000, p. 111, colchetes nossos).

A compreensão guilbertiana de criatividade no âmbito lexical da língua põe, deste modo, o aspecto da expressividade em evidência e aponta a estreita ligação desta com as escolhas lexicais. Todo processo comunicativo, seja ele falado ou escrito, é geralmente marcado por uma "intenção [...], um] desejo de impressionar o destinatário" (CRESSOT, 1976, p. 1, colchetes nossos). Essa intenção opera sempre mediada por uma escolha, tanto em função da consciência que se tem do sistema linguístico no processo enunciativo quanto da consciência que se supõe que o destinatário tem do enunciado.

A escolha é, portanto, um fato estilístico de ordem ao mesmo tempo linguística, psicológica e social porque regula os modos de expressão. Ou seja, a emissão de um enunciado exige uma relação com o enunciatário que leve em conta fatores como faixa etária, sexo, nível de formação, entre outros. Em se tratando de gênero literário, tais escolhas acarretam efeitos estéticos que podem marcar o estilo de um autor ou, até mesmo, de uma época. De modo geral, elas visam a resultados estéticos inéditos, originais. As escolhas podem ser de diferentes ordens, mas quando se fala, especificamente, de escolha lexical, refere-se ao modo como se faz uso do léxico real ou virtual de uma dada língua.

Sem dúvida, os aspectos morfológicos das línguas são considerados os principais responsáveis pela construção da expressividade da linguagem. As alterações morfológicas que resultam em criação lexical ocorrem imbuídas de uma escolha, de uma intenção, sempre revelando uma criatividade. Isso acontece porque a capacidade de criação de unidades léxicas é sempre motivada. As motivações estão condicionadas às necessidades expressivas do falante, ou de grupos linguísticos, enfim, seja no meio profissional, familiar, artístico ou outros.

Substancialmente, os processos de formação de palavras têm atendido às necessidades expressivas de escritores desde os tempos mais remotos da história da língua portuguesa. Mas, no que se refere à produção literária do Brasil, foi sobretudo no Modernismo, quando os escritores buscavam reforçar seu intento criativo e, principalmente, demonstrar uma nova postura linguística frente aos seus antecessores, que as criações lexicais oriundas do domínio literário ganharam relevo e reconhecimento. Todavia, muito mais do que, em princípio, a crítica e o aviltamento da língua oficial para a implantação de uma língua que se pretendia nacional e daí a construção de uma identidade, o emprego dos neologismos na literatura modernista brasileira como um todo e no seu transcorrer logrou de magníficos resultados expressivos.

2. Aspectos metodológicos: o autor, a obra e a atestação

João Cabral de Melo Neto é um escritor pernambucano teoricamente enquadrado na terceira fase do Modernismo no Brasil e tem sido considerado pela crítica um dos maiores poetas brasileiros do século XX. Ele tornou-se (re)conhecido pelo rigor formal de seus versos, o que o situa junto a significativas tendências do pensamento da arte moderna herdeira, entre outros, de Mallarmé, Valéry e Mondrian.

Sua proposta de revalorização do cuidado com a linguagem e de uma expressão poética mais disciplinada em relação aos primeiros acordes modernistas lhe outorgam uma

composição originalmente mais racional, somada a uma perfectibilidade da forma que, ao que tudo indica, proposital e conscientemente ele cultivava:

A poesia me parece alguma coisa de muito mais ampla: é a exploração da materialidade das palavras e de possibilidades de organização de estruturas verbais, coisas que não têm nada a ver com o que é romanticamente chamado inspiração ou mesmo intuição (MELO NETO, 1998, p. 135).

Uma das maiores qualidades de João Cabral é tecnicamente a superação da dicotomia entre expressão e construção, já que combinadas de forma única e rica vêm consubstanciar sua emancipação e a da literatura frente aos seus antecessores, pois que para o próprio poeta:

o exercício da poesia [deve ser visto [...]] como exploração emotiva do mundo das coisas, e como rigorosa construção de estruturas formais lúcidas, lúcidos objetos de linguagem. (id. *ibid.*, colchetes nossos)

A "construção" poética em João Cabral opera-se, assim, sob a consciência e o olhar crítico do poeta ora para a própria linguagem, ora para a realidade social ou, em geral, para a combinação de ambas. De modo que sua vasta produção encontra-se sustentada em duas tendências que se articulam: i) a poesia como o resultado de um rigoroso trabalho formal; ii) a consciência de que a crítica histórico-social só se torna expressivamente relevante em poesia quando consegue mobilizar uma forma escritural também crítica.

Este panorama torna possível, em síntese, a consideração de que a presença recorrente das criações lexicais na composição poética cabralina e a expressividade por essa via alcançada são fundamentais também à construção do sentido; o que, segundo Cotrim (2012, p. 216), permite a inclusão do poeta no rol dos escritores da literatura modernista brasileira que recorrem sistemática e originalmente às criações lexicais.

Quanto à temática cultivada pelo poeta, ela tende a girar em torno de suas grandes paixões: o Nordeste, onde nasceu e viveu boa parte de sua vida em meio à família, aos engenhos de cana e à seca com suas mazelas; a Espanha, mais especificamente a Andaluzia, onde exerceu funções diplomáticas durante muitos anos de sua vida profissional e donde, por admiração e respeito, adquiriu e cultivou influências culturais; o elemento feminino, ao qual se entrega e através do qual canta amores, paixões, a sedução do corpo e outros prazeres; e, por fim, a própria linguagem, na qual, por procedimento metalinguístico calcado na "construção" linguístico-discursiva, estão inscritas as criações lexicais.

O levantamento e análise das unidades léxicas neológicas da poética de João Cabral foram executados, neste trabalho, a partir de um compêndio de suas obras, publicado em dois volumes intitulados, respectivamente, *Serial e antes* (1997a) e *Educação pela pedra e depois* (1997b), compostos de vinte livros de poesias. Deste *corpus* de extração foram consideradas 451 unidades léxicas novas, criadas a partir de variados processos de formação de palavras, que constituíram um *corpus* de análise denominado **Neologismos na Poética de João Cabral de Melo Neto (NPJC)** (COTRIM, 2012)⁷²³, no qual se encontram as composições metafóricas ora aludidas.

A atestação de tais unidades, não obstante a raridade de desneologização das criações lexicais literárias e, por conseguinte, a excepcionalidade de sua inserção num dicionário de língua, foi feita a partir do critério lexicográfico. Consideradas as limitações que o cercam, o

⁷²³ Cumpre esclarecer que o presente trabalho é parte constitutiva de nossa tese de doutoramento defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual Paulista, *campus* de Araraquara (UNESP/FCLAr), intitulada *As criações lexicais na poética de João Cabral de Melo Neto: contribuições aos estudos do léxico no discurso literário*, adaptada para esta publicação.

critério lexicográfico permite o estabelecimento de um parâmetro que possa servir de referencial temporal, espacial, social, cultural, ou outros que corroborem para o assentamento da objetividade e precisão desejadas nos resultados. Em outras palavras, este critério é capaz de conferir a garantia, ainda que lábil, de que as palavras fazem parte do léxico da língua em questão ou têm caráter neológico, pela respectiva incursão ou não delas no dicionário. Foram tomados, portanto, como *corpora* de exclusão quatro dicionários de língua, cujo parâmetro de escolha foi o temporal, visando a uma maior cobertura lexicográfica em relação à época das produções do autor. Tais dicionários configuram quatro obras de grande representatividade no português brasileiro desde aproximadamente a terceira fase da literatura modernista brasileira até a atualidade. São eles: o Novo Dicionário Aurélio (1975), o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (2010), o Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa, versão eletrônica 3.0 (2009) e o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, versão eletrônica 7.0 (2010).

3. A composição metafórica em NPJC

As composições metafóricas encontradas no *corpus* NPJC são assim chamadas por corresponderem a um tipo peculiar de composição sintagmática que, não obstante o caráter sintagmático que as recobre, apresentam formato específico e caracterizador da criatividade lexical na poética de João Cabral.

Isto é, elas apresentam uma estrutura sintagmática já que equivalem, nos respectivos contextos, a lexicalizações de sintagmas nominais por comportarem elementos em íntima relação sintática e semântica e constituírem unidades léxicas imbuídas do caráter designativo de seres, sentimentos, ações, etc. Aliás, no tocante às designações, segundo Nunes (2000, p. 38), um dos procedimentos escriturais fundamentais que participa do que ele descreve como "ascese de depuração da linguagem" na poética cabralina é a predominância de nomes (em geral concretos) "designativos de coisas, naturais ou fabricadas, de lugares, paisagens, espécies ou categorias de pessoas ou atividades que acabam por se tornar [...] objetos temáticos, peças fundamentais de um repertório léxico"⁷²⁴. Aliado a esse caráter sintagmático das composições metafóricas na obra de João Cabral há, porém, um diferencial no processo que as forma. O fato é que elas são dotadas de uma estrutura simplificada cujo formato implica um desempenho específico na constituição da metáfora na poética cabralina porque pressupõem: i) a formação exclusiva de substantivos compostos, com bases necessariamente constituídas por substantivos, ligadas ou não por hífen; ii) a possibilidade de o elemento determinante vir antes do determinado na formação do sintagma nominal; iii) a ausência de elemento relacional; e, iv) a combinatória sêmica dá-se por ruptura isotópica realizada exclusivamente por processo metafórico.

Na verdade, toda composição sintagmática apresenta uma estrutura predisposta aos eventos associativos, que favorece o dispositivo da combinatória sêmica e os processos de metaforização. Com efeito, se se faz uma reflexão sobre a conceptualização da metáfora pode-se verificar sua abrangência e seu alcance. Lakoff e Johnson (2002, p. 45-48), reconhecendo que a essência da metáfora está em compreender e experienciar uma coisa por outra, admitem que ela não é um fenômeno exclusivo da linguagem literária, já que está presente também na linguagem comum, cotidiana e que brota de antemão no pensamento que sustenta uma comunidade linguística. As associações tomam parte na cultura, nas ideias coletivas e sociais para imbricar na descrição cotidiana de ações, sentimentos, pensamentos, entre outros. Ou,

⁷²⁴ Atenta-se, aqui, para o fato de que a presença das composições metafóricas com função designativa é significativa na obra de João Cabral, o que reforça a afirmação supra citada. Dentre as 451 unidades léxicas criadas que compõem o *corpus* NPJC, 146, ou seja, 32,37% equivalem a composições metafóricas (COTRIM, 2012, p. 140).

pelas palavras do autor, o "nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza" (id. ibid. p. 47). De modo que, o sistema metafórico vivenciado através das associações representa a cultura, o pensamento comum da sociedade.

Em compensação, essa experiencição associativa do universo cotidiano é também significativa ao universo literário e a ele se estende, portanto, configurando as metáforas estilísticas que alguns autores convertem, originalmente, nos respectivos contextos, em unidades léxicas compostas. Algumas, em particular, dotam-se de estrutura específica, como as composições metafóricas concebidas pelo poeta ora analisado.

Martins (2000, p. 99-102), adotando o sentido a que Ullmann atribui às composições por processo exclusivamente metafórico, chama-a de metáfora de substantivos e a considera como uma forma de criação lexical estilística, tendente ao emprego na linguagem literária. A autora explica a sua formação como uma relação entre dois substantivos, compreendidos como **A** = termo real (termo comparado) e **B** = termo imaginário (termo metafórico), sendo que entre eles são encontrados traços comuns (semelhanças), descobertos pelo escritor quando se trata de expressão original. Segundo a autora, as metáforas têm o poder de apresentar as ideias concreta e sinteticamente na intensificação ou dissimulação dos fatos, na atribuição de juízos de valor, pelo exagero da exaltação ou da depreciação e na expressão da ironia.

Na perspectiva da gramática tradicional, num sintagma nominal o termo determinado é um substantivo que representa a cabeça ou o constituinte fundamental do sintagma e os outros elementos são os determinantes, em geral representados por artigos, adjetivos, complementos nominais que atualizam o substantivo dando-lhe as suas determinações. Ocorre que, diferentemente do modo tradicional de composição, predominante na língua comum, nas composições metafóricas em que um determinante é constituído por outro substantivo, a atualização do determinando fica mais interessante, primeiro porque foge ao óbvio pelo inusitado da combinatória; segundo, porque a adição de elemento com carga semântica de valor equivalente ao termo designador amplia o leque conceptual da combinatória sêmica visto que ele resulta da somatória dos atributos denominativos das bases que compoem a unidade nova; e, por fim, porque na determinação do composto pela remissão a outro substantivo, acrescentam-se a ele outros aspectos substanciais em lugar de "simples" características. Além disso, a relação entre substantivos na formação desse tipo de composto facilita o processo comparativo que consubstancia toda metáfora.

Em NPJC, o fenômeno processa-se da seguinte maneira: o termo metafórico é justaposto, sem pausa, ao termo real formando uma estrutura de sintagma simplificado com função de substantivo composto, com ou sem hífen, como, por exemplo em *palha saia*, *pássaro-trovão*, *sangue lama*, *rua artéria*, *ave-bala*, *gaiola-blusa*, etc. Assim, no discurso cabralino, para a conceptualização de uma *palha saia*, somam-se os atributos da palha (farfalhante, esvoaçante, leve, filetada, transparente, de cor amarelo-acinzentada, etc.) aos da saia (longa, rodada, que cobre as pernas, etc.) para a efetuação da comparação que constituirá a metáfora naquele contexto e, por conseguinte, a expressividade. Veja-se que *palha* e *saia* referem-se a duas "substâncias" distintas que, por mais que remetam, em primeira instância, a mundos diferentes, no contexto são induzidas à mistura, à complementaridade.

4. A expressividade das composições metafóricas cabralinas

Numa poética em que a manipulação do léxico, a capacidade de condensação das ideias e a minuciosidade das descrições são fundamentais, as nomeações de seres, ações e sentimentos, entre outros, sobretudo se advindas de processos de criação lexical, vão exercer papel preponderante na constituição da expressividade e da discursividade. Nesse quadro, as

composições metafóricas ganham relevo tanto pela sua representatividade, quanto pelo modo originalmente particular de realizarem-se no *corpus*, seja pela escolha dos elementos, seja pelo contraste conceptual entre os elementos comparados, seja pela irreverência ou, ao contrário, pela severidade na abordagem da temática em questão, seja pelo tipo de substantivo que vai compor o determinante, seja, enfim, entre outros fatores, pelos efeitos resultantes da conversão categorial de algumas bases.

Veja-se a seguir alguns exemplos de composições metafóricas extraídos da poética cabralina com a interpretação da expressividade e do sentido em seus contextos, seguidos de respectivas abonações.

lápis bisturi e verso cicatriz

Nas unidades criadas *lápis bisturi* e *verso cicatriz*, o elemento imaginário das metáforas (*bisturi* e *cicatriz*) traz para as composições a comparação do elemento real de ambas (*lápis* e *verso*, respectivamente) com a precisão e a perícia que cingem a ciência médica. Deste modo, num contexto em que o poeta faz referência à poetisa norte americana Marianne Moore, ganhadora de importantes prêmios da literatura, as unidades foram criadas para nomear, respectivamente, o lápis com que ela compõe e o verso que dele provém. O termo “disseca”, importado da área médica, é introduzido no contexto para ajudar a compor o cenário em que a poetisa é reconhecida por suas poesias, tidas como “difíceis” e profundas, de modo a sustentar corroborativamente a sua tradicional reputação de “poeta para poetas”. Assim, as unidades criadas representam a sabedoria e a técnica com que a poetisa compõe seus versos.

Abonação: “Ela aprendeu que o lado claro / das coisas é o anverso / e por isso as disseca: / para ler textos mais corretos. // Com mão direta ela as penetra, / com *lápis bisturi*, / e com eles compõe, / de volta, o *verso cicatriz*.” (Serial, VI, p. 286).

casa-vagão e casa-trem

Em *casa-vagão* e *casa-trem*, os elementos metafóricos (*vagão* e *trem*) introduzem nos respectivos compostos, a unidade de sentido “trem de ferro” para a comparação com o termo real (*casa*). No contexto, as unidades novas nomeiam a imagem que o enunciador tem das casas dispostas sequencial e paralelamente à “Estrada de Caxangá”, vista por quem passa. Além disso, elas demonstram a percepção do enunciador sobre a semelhança incrivelmente atinada entre ambos – um trem e as casas quando assim dispostas – que cria uma ilusão de ótica e põe em dúvida a sua conclusão de onde realmente tem início o movimento, se nas casas enfileiradas ou no trem, visto que tudo no universo constantemente se move.

Abonação: “[...] um trem de *casa-vagões* / cada uma com sua cor / e levando nas janelas / latas por jarros de flor. // Mas o trem de *casas-vagões* / passa ou é passado por? / como poder distinguir / do passado o passador? // se na estrada tudo passa / e nada de vez passou? Como saber se é a gente / ou as *casas-trem* o andador? // ou quem sabe? A própria estrada / rolando com um propulsor? / (pois dela sobe incessante / e subterrâneo rumor).” (Quaderna, VI, p. 228-229).

ave-bala e filha-bala

A unidade lexical *ave-bala* foi criada para dar nome ao projétil balístico, quando usado especificamente em emboscadas e tocaias. Ela é empregada num contexto que põe em pauta a questão do crime por encomenda na disputa por terra no Nordeste brasileiro. O elemento

metafórico (*ave*) incorpora na unidade composta o sentido de “vão livre”, de “vão desocupado” das aves abutres (ou das balas) que ocupam o tempo rondando suas presas. Do mesmo contexto participa a unidade *filha-bala*. Curiosa e singularmente, o elemento metafórico (*filha*) indica a reprodução do ato anterior de execução, em decorrência da impunidade que é soberana no agreste. Por isso impinge-lhe o caráter de filiação e, por sua vez, de continuidade e/ou perpetuação do ato (ou da "espécie"). Juntas, as unidades criadas incorporam uma fala de indignação do sertanejo ao referir-se às mortes que se dão por emboscada e que, em geral, naquele sertão, ficam impunes.

Abonação: “— E quem foi que o emboscou, / irmão das almas, / quem contra ela soltou / essa *ave-bala*? / [...] — E agora o que passará, / irmão das almas / o que acontecerá / contra a espingarda? / — Mais campo tem para soltar, / irmão das almas, / tem mais onde fazer voar / as *filhas-bala*.” (Morte e Vida Severina, VI, p. 148-149).

chuva-Rosalía

Chuva Rosalía é a unidade lexical criada para designar um tipo de chuva que é peculiar na região da Galícia, na Espanha, e utiliza como determinante um substantivo próprio que, no contexto, faz referência à escritora Rosalía de Castro, hoje reconhecida como fundadora da literatura galega. A unidade nova aproveita a imagem da carreira produtiva e tematicamente profunda da escritora, bem como o seu respectivo reconhecimento, na constituição do elemento metafórico (*Rosalía*) que é comparado ao elemento real (*chuva*) para contrapor-se à escassez da chuva e conseqüente aridez do Sertão Nordestino. Isto é, empregada num contexto que compõe a temática da seca, a farta *chuva-Rosalía* é confrontada com a chuva do Nordeste brasileiro em sua parca precipitação. Remetendo a abordagem do fenômeno nos respectivos ambientes ao aspecto da feminilidade, o enunciador diz ser aquela proporcionalmente mais abundante e, obviamente, mais fecunda em relação a esta. A *chuva-Rosalía* é, então, a chuva intensa que penetra profundamente a terra de modo a encharcar-lhe ou fornecer-lhe umidade suficiente para a produção abundante e a garantia da qualidade de vida na Galícia. Sabe-se que esta é uma região geograficamente privilegiada em relação às demais regiões que compõem o território espanhol, dada sua condição climática, de solo, de vegetação, entre outros elementos. Ora, sabe-se também que isso representa exatamente o contrário do que ocorre com relação ao fenômeno da chuva no Sertão Nordestino, onde esta é rara e quando há, é de pouca intensidade, tornando-se cara ao sertanejo. Assim, contextualizada, se por um lado a intensidade da *chuva Rosalía* é eficaz; por outro, torna-se repetitiva, aborrecida, tediosa, enfadonha, porque "se descursa". Em contrapartida, se de algum modo a escassez da chuva nordestina maltrata, judia; de outro, é tão desejada, cobiçada, esperada, porque é "sensual", "provocante", "feminina".

Abonação: “Mas na *Galícia* a chuva, / de tanta, se descursa: / cai de todos os lados / e inclusive de baixo. // É uma chuva atmosfera: / envolve e então penetra, / infiltrando no corpo / o aquário que era em torno. // A chuva na *Galícia* / é a ***chuva Rosalía***: / nela se perde o tento / se chove fora ou dentro. [...] No *Sertão* masculino / a chuva sem dissímulo / demonstra o que ela é : / que seu sexo é mulher. // [...] que é feminina, em curvas. // [...] Reta, é a natureza, / [...] do *Sertão* erigido / onde ela cai tão raro. // [...] uma vez no solo, / a chuva é sinuosa / e provocante rola.” (Serial, VI, p. 308-309).

5. Considerações finais

De modo geral, compreende-se que as criações lexicais presentes na poética de João Cabral participam ativa e efetivamente do processo de "construção da linguagem" que opera

na engenhosidade arquitetônica de sua composição. Isto é, que elas configuram um elemento caracterizador de sua produção, qual seja a busca da expressividade por meio das criações lexicais e, por essa via, a superação da dicotomia entre expressão e construção.

No que se refere especificamente às composições metafóricas, resultantes que são da manipulação de bases nominais (e de seus semas), elas representam uma das estratégias mais significativas de burilamento linguístico e de constituição da expressividade (e da discursividade) na poética cabralina. As composições metafóricas atuam direta e originalmente no processo de nomeação tão recorrente na sua composição, tanto pela sua quantidade no *corpus* NPJC quanto pela expressividade de cada uma delas no discurso, de modo a permear as duas tendências que se articulam em toda a produção, ou seja, compondo a poesia concebida como resultado de um rigoroso trabalho formal com a linguagem e gerando a consciência de que a crítica histórico-social só se torna expressivamente relevante, em poesia, quando mobiliza uma forma escritural também crítica.

Referências Bibliográficas

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: Criação lexical*. 2.ed. São Paulo: Ática, 2002.

BARBOSA, Maria Aparecida. *Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo*. São Paulo: Global Editora, 1981.

CORREIA, Margarita; LEMOS, Lúcia, San Payo de. *Inovação lexical em português*. vol. 4. Lisboa: Edições Colibri, 2009.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Contribuição à Estilística Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico Editora, 2004.

COTRIM, Rosana Maria Sant'Ana Cotrim. *As Criações Lexicais na Poética de João Cabral de Melo Neto: contribuições aos estudos do léxico no discurso literário*. 2012. 231 fls. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2012.

CRESSOT, Marcel. *Le style et ses techniques*. 3. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1976.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1971.

_____. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Versão eletrônica 7.0, 2010, (Edição comemorativa aos cem anos de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira). 1 CD - ROM.

_____. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 5.ed., Curitiba: Editora Positivo, 2010, (Edição comemorativa aos cem anos de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira).

GUILBERT, Louis. *La créativité lexicale*. Paris: Librairie Larousse, 1975.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Versão eletrônica 3.0, 2009. 1 CD-ROM.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: Educ, 2002.

MARTINS, Nilce Sant'anna. *Introdução à Estilística: a expressividade na língua portuguesa*. 3.ed. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 2000.

MELO NETO, João Cabral de. *A educação pela pedra e depois*. vol.1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997a.

_____. *Serial e antes*. vol. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997b.

_____. *Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

NUNES, Benedito. *João Cabral: filosofia e poesia*. Revista Colóquio/Letras, n. 157/158, p. 37-44, 2000.

PRODUTIVIDADE DOS SUFIXOS NA LITERATURA BRASILEIRA: UM ESTUDO DE ALGUNS CASOS PARTICULARES

Solange Peixe Pinheiro de CARVALHO (USP)⁷²⁵

Resumo: Estudos da neologia nas áreas da Morfologia e da Estilística indicam que a sufixação é o processo de criação mais produtivo, devido ao grande número de sufixos existentes na língua portuguesa, bem como à variedade de conotações que eles podem trazer para as palavras criadas. Este trabalho focaliza os neologismos literários, e a expressividade obtida por meio deles, salientando as inúmeras possibilidades de criação de palavras e a criatividade dos escritores, revelando matizes até então pouco discutidos de palavras que, frequentemente, são de uso corrente na língua falada.

Palavras-chave: Neologia. Morfologia. Sufixação. Literatura brasileira. Expressividade.

A renovação do léxico de uma língua é um processo constante e infinito, do qual os falantes não se dão conta – novas palavras surgem a todo o momento; outras deixam de ser usadas; outras ainda são usadas em contextos muito específicos, faladas por grupos mais ou menos limitados – por exemplo, médicos, advogados, engenheiros, ou pessoas que moram em uma localidade determinada, ou pertencem a um grupo social ou a uma agremiação. Essas novas palavras, conhecidas pelo nome de neologismos, nem sempre chegam a ser registradas em textos escritos, e se permanecem exclusivamente em um contexto de fala informal, podem ter uma vida efêmera, não sendo divulgadas além do ambiente em que foram criadas e faladas.

Por outro lado, os neologismos encontrados em textos escritos, mesmo que não cheguem a ser incorporados à fala de uma grande parte da população do país, ou de uma cidade, são conservados no texto impresso, o que permite seu estudo em caráter mais aprofundado. Esse estudo pode ser realizado tanto na área da morfologia, dedicada à compreensão dos processos de formação das palavras, quanto na área da estilística, voltada para o efeito que tais neologismos possam causar em um texto. E se considerarmos os neologismos registrados em textos impressos, eles podem ser divididos entre os encontrados nas linguagens de especialidade – textos da área médica, ou da biologia, entre outros; na linguagem jornalística; e em textos literários. Também podemos considerar outra categoria, a dos neologismos encontrados em textos produzidos por falantes comuns da língua, e postados nos meios digitais, como um blog ou as mensagens postadas em redes de comunicação, como o Facebook. Assim sendo, percebemos que, por mais detalhados que sejam os estudos, eles dificilmente darão conta de toda a criatividade dos falantes, e das rápidas alterações produzidas no léxico em um ritmo constante.

Como enfoque principal de nosso trabalho, escolhemos os neologismos encontrados especificamente em textos literários. Dentre as criações neológicas encontradas em textos impressos, o neologismo literário, também chamado de criação literária estilística, se destaca por permanecer circunscrito à obra na qual é encontrado. Nesse aspecto, ele se diferencia dos demais, pois os neologismos da linguagem médica, por exemplo, terão uma divulgação limitada, entre as pessoas ligadas à profissão; os da linguagem jornalística podem ter um tipo de divulgação, igualmente restrito, entre os leitores do jornal interessados por determinado

⁷²⁵ Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: solangepinheiro@usp.br

tema – economia, ecologia, política. Entretanto, as criações neológicas literárias, apesar do fato de serem circunscritas ao texto escrito, permitem não apenas um estudo da transformação da língua, pois podemos consultar obras literárias produzidas no Brasil nos últimos duzentos anos, como também são marcadas por outra característica singular: elas não têm um caráter fechado, pois a interpretação do contexto em que elas são encontradas vai depender da circunstância da leitura, da vivência do(s) leitor(es), da bagagem cultural desse(s) leitor(es), do tipo de leitura – aquela feita por simples prazer, ou a leitura acadêmica, voltada para uma análise mais profunda da obra literária – possibilitando inúmeras leituras e uma renovação perpétua – o neologismo literário é sempre novo, está sempre vivo, sempre aberto a novas leituras.

O estudo dos neologismos na língua portuguesa pode ser mais voltado para o aspecto formal, morfológico, ou seja, o processo de criação da palavra – prefixação, sufixação, composição, as palavras-valise – bem como para o aspecto estilístico, no qual o efeito causado pelo neologismo no texto literário é valorizado, já que é esse efeito que está sempre aberto a novas interpretações. Contudo, consideramos que a união dos estudos morfológicos e estilísticos proporciona para os pesquisadores uma visão mais ampla, pois a compreensão do processo de formação pode proporcionar um novo olhar para aquela palavra nova e dar novas perspectivas para seu uso. Desse modo, neste trabalho desejamos analisar alguns neologismos literários encontrados em obras produzidas durante o século XX no Brasil – mais especificamente, na segunda metade do século – por diferentes escritores, sempre tendo como base teórica essa união da morfologia com a estilística, pois, conforme afirmou Martins (2000, p. 110), “os aspectos morfológicos da língua são muito importantes para a linguagem expressiva”. E, dada a necessidade de fazer um recorte para a análise, selecionamos os neologismos criados a partir de um único processo, a sufixação.

A sufixação é um processo bastante produtivo para a formação de novas palavras, devido à grande quantidade de sufixos existentes na língua portuguesa, mas, sobretudo, porque eles “difícilmente aparecem com uma só aplicação; em regra, revestem-se de múltiplas acepções e empregá-los com exatidão, adequando-os às situações variadas, requer e revela completo conhecimento do idioma” (BECHARA, 1999, p. 357). Alves (2004, p. 29) destaca que “por meio da derivação sufixal, o sufixo, elemento de caráter não-autônomo e recorrente, atribui à palavra-base a que se associa uma idéia acessória e, com frequência, altera-lhe a classe gramatical”. E, embora a questão da afetividade dos sufixos – a capacidade que eles têm de transferir para a base à qual se unem uma ideia positiva ou pejorativa – seja ainda bastante discutida por teóricos da área, concordamos com Lapa quando ele aponta que “É nos sufixos que a descarga das paixões se dá com maior energia” (1977, p. 104) e com Mattoso Câmara (1977, p. 61), que afirma que “Assim se destacam em nosso espírito certos sufixos como poderosos centros de carga afetiva, e o seu conteúdo é quase só nisso que se resume”. Portanto, baseando-nos nas afirmações dos teóricos citados, procederemos à análise de alguns exemplos, tendo como objetivo verificar a expressividade das criações neológicas sufixais, bem como constatar se o rompimento do bloqueio lexical – a troca de um sufixo por outro concorrente na formação de uma palavra – pode permitir novas interpretações para uma palavra já dicionarizada da língua portuguesa. Todos os exemplos aqui citados são considerados neologismos por não serem encontrados na versão eletrônica do Dicionário Houaiss, do qual também retiramos as observações referentes à etimologia das palavras e aos sufixos usados na formação do neologismo literário.

Não ando atrás de **fornicância**, cego pachola. Velho safado! (SABINO, s/d, p. 63).

O Dicionário Houaiss traz como forma dicionarizada a palavra *fornicação*, vinda diretamente do latim *fornicatō, ōnis*; a criação do neologismo *fornicância* supõe a base verbal fornicar + *-ância*, sufixo formador de substantivos abstratos. Uma possível interpretação para o neologismo seria feita a partir do fato de o sufixo *-ância* ser um homônimo homófono do substantivo feminino *ânsia* (associado à repulsa, ao nojo, à aversão). Pensando no contexto em que é encontrado o neologismo – Geraldo Viramundo, o Grande Mentecapto, apaixonado pela filha do governador, a quem considera como uma donzela pura e inacessível, rejeita o comentário feito pelo amigo, o cego Elias, de que ele deveria ter relações sexuais com a moça – podemos supor que exista uma relação entre o sentimento de Viramundo ao ouvir a sugestão de fornicar com a filha do governador e o neologismo *fornicância*, que expressaria a repulsa sentida por ele pelo ato sexual.

Só quando eu já tava naquele **salãozão** de pedra é que acendi a luz e saí procurando (SABINO, s/d, p. 146).

A palavra dicionarizada *salão* é um aumentativo do substantivo *sala*, formado pelo acréscimo do sufixo *-ão*. Entretanto, percebemos que, em muitas regiões do Brasil, a palavra *salão* já perdeu a noção de aumentativo: um salão de cabeleireiro pode ser um local pequeno, onde trabalhem apenas duas ou três pessoas; o Salão do Automóvel, embora realizado em um local amplo, é mais relacionado a uma exibição de carros de luxo do que à amplidão do espaço onde acontece. Devido ao desgaste da palavra *salão*, podemos pensar que a personagem, sentindo a necessidade de enfatizar o tamanho da gruta onde se encontrava, acrescentou o sufixo *-ão* à palavra *salão*, desse modo indicando que a gruta era um local imenso, maior do que ele poderia imaginar. Assim sendo, temos *sala* + *-ão* > *salão* + *-z-* + *-ão* > *salãozão*, a consoante de ligação *-z-* sendo usada por uma questão de eufonia, para evitar o som desagradável *ãoão*.

E frequentava **noitantemente** a casa maldita, sempre escura... (NAVA, s/d, p. 20).

Segundo o Dicionário Houaiss, virtualmente, de todos os verbos da língua portuguesa podem ser formados adjetivos ou substantivos em *-nte*. Contudo, o que observamos na criação acima é uma derivação em *-nte* a partir de um substantivo, *noite*, o que já configura uma quebra nas regras de formação de palavras. Temos então *noite* + *-nte* > *noitante*, forma à qual foi feito outro acréscimo de sufixo, *-mente*, formador de advérbios, gerando *noitantemente*. A expressividade da criação por dupla sufixação pode ser compreendida não somente pelo processo e pelo inusitado da união do sufixo *-nte* a um substantivo, mas também por uma questão de economia da língua: o sufixo *-nte* dá para a base à qual foi acrescentado uma ideia de processo, de duração; **noitante* indica que a pessoa citada (o pai do escritor Pedro Nava) frequentava a *casa maldita* com constância; com o acréscimo de *-mente* ao neologismo, temos o reforço da ideia de constância: com uma única palavra, Nava mostra o entusiasmo do pai ao frequentar todas as noites a loja de maçonaria da cidade onde moravam.

Não o desiludi [...] e dos rompantes do nosso querido Queiroz de Barros, hem? *mestre* Marinho – o nosso *Queirozão* com seu jeito esgrouviado e aquela **bigodaça** caída em cima da boca. Meu interlocutor interessado, divertido e **lembradíssimo** ouvia, aprovava, acrescentava, corrigia. (NAVA, s/d, p. 396).

No português brasileiro são encontradas duas palavras para se referir aos bigodes de um homem: *bigodeira* (referência específica ao tamanho) e *bigodudo* (referência ao homem que

tem um bigode grande). No texto de Nava, encontramos uma criação neológica, bigode + *-aça* > *bigodaça*. O neologismo apresenta um ponto sugestivo para análise: o sufixo *-aço* é um aumentativo que, de acordo com o Dicionário Houaiss, com frequência dá uma conotação pejorativa para a base à qual se une. Entretanto, no exemplo acima, verificamos que essa conotação é inexistente: o contexto é de afetividade, pois o interlocutor de Nava, uma pessoa já idosa e com problemas de memória, julgando estar conversando com o pai de Pedro Nava, se refere a uma pessoa por quem ambos sentiam grande amizade, Queiroz de Barros. Nava, para não desiludi-lo, começa a mencionar fatos de que se lembrava ter ouvido falar, envolvendo Queiroz de Barros, a quem se refere como *nosso querido, mestre*, e *Queirozão*, um aumentativo que indica ele também o afeto e o carinho, assim como seu pai teria feito, criando, desse modo, um ambiente propício para a conversa entre ele e seu interlocutor.

O trecho citado traz também *lembradíssimo*, uma criação a partir de *lembrado*, participípio do verbo lembrar, com o sufixo *-íssimo*, formador do grau superlativo de adjetivos. A criação é interessante, pois, normalmente, o sufixo se une a adjetivos, e não a participípios, embora estes possam ser usados na função adjetival, revelando outra quebra na regra da formação de palavras que traz resultados positivos para o texto literário.

Meio olho gastei na **vasculhagem** das bocas de estrada de onde devia vir a resposta de dona Isabel (CARVALHO, s/d, p.76).

O verbo *vasculhar* tem como acepções *varrer, limpar, procurar, examinar, observar*; em seu campo semântico é encontrada a forma *vasculhadela*, que indica a ação de limpar ou esfregar com um vasculho (um tipo de vassoura). Não existe uma forma dicionarizada para indicar a ação de *vasculhar* no sentido de *procurar, examinar* ou *observar*; no trecho acima, temos o neologismo *vasculhagem* (*vasculhar* + *-agem*), que supre essa lacuna do léxico. Ao criar essa forma neológica, o escritor dá maior interesse e expressividade ao texto, pois se ele usasse uma palavra já existente no léxico, como *observação*, a ideia seria a mesma – o Coronel, narrador da obra, indicaria que tinha passado um bom tempo observando a estrada por onde deveria vir o portador da resposta de dona Isabel; porém, *observação* não despertaria a atenção do leitor, por se tratar de palavra de uso corriqueiro, sem expressividade.

Paixão argumentava que a Bolívia poderia tentar represálias sérias e não acreditava na garantia do Brasil, sempre **liquidacionista** em matéria acreana (SOUZA, s/d, p. 160).

Na língua portuguesa, o sufixo *-ista* se une a substantivos, formando palavras que indicam adepto, aderente, ou profissional. Contudo, temos diversas palavras terminadas em *-ista* cuja base, segundo o Dicionário Houaiss, tem sua origem diretamente no latim, como *abstencionista*: abstenção sob a forma radical *abstencion* + *-ista*, abstenção vindo do latim *abstentionis*, de *abstentum*, supino de *abstinere*, *abstracionista*, radical *abstracion-* + *-ista*; *acionista*, forma radical *acion-* + *-ista*. A criação *liquidacionista* se origina na adição do sufixo *-ista* à base *liquidação*, *liquidar* + *-ção*. Temos aqui outra quebra na regra de formação de palavras, já que a forma **liquidationis* não é mencionada na seção de etimologia do Dicionário Houaiss. Para a criação de *liquidacionista*, teríamos o seguinte processo: *liquidar* + *-ção* > *liquidação* + *-ion-* + *ista* > *liquidacionista*; seria esta uma formação por analogia, dada a existência de outras palavras (além das mencionadas acima) formadas por meio da adição de *-ista* a essa base latina? Uma resposta positiva é bastante provável, já que encontramos na língua portuguesa outros exemplos de palavras formadas por analogia.

E Dona Benta começou a ler: ‘Num lugar da Mancha, de cujo nome não quero lembrar-me, vivia, não há muito, um fidalgo, dos de lança em cabildo, adarga antiga e galgo corredor.’

– Ché! – exclamou Emilia. – Se o livro inteiro é nessa perfeição de língua, até logo! Vou brincar de esconder com o Quindim. *Lança em cabildo, adarga antiga, galgo corredor...* Não entendo essas **viscondadas**, não... (LOBATO, s/d, p. 144)

No fragmento acima, temos uma criação neológica tirada da obra infantil de Monteiro Lobato, *viscondada*, e para sua compreensão, é necessário pensar no contexto em que ela aparece: Dona Benta, antes de iniciar a leitura do *Dom Quixote* para os netos e a boneca Emília, diz que o texto havia sido traduzido do espanhol para o português pelo Visconde de Castilho e pelo Visconde de Azevedo, elogiando a “perfeição da língua” dos dois tradutores. Entretanto, quando ela começa a ler, Emília reclama da perfeição da língua, que a impedia de compreender o texto, e diz que não entendia as *viscondadas*. O sufixo *-ada* forma substantivos a partir de outros substantivos, e sua expressividade depende muito do contexto em que é usado, já que ele pode formar palavras com conotação positiva ou pejorativa. Quando usado como sufixo formador de coletivos, normalmente ele transmite uma ideia pejorativa, como *baianada, molecada, caipirada*; no texto de Lobato, podemos perceber essa aproximação com um coletivo, embora sejam somente duas pessoas citadas, e não um grande grupo. Emília vê a tradução do livro como uma *viscondada*, a obra de dois viscondes; apesar de a base – visconde – poder ser vista como positiva, por ser um título de nobreza, o neologismo tem uma conotação negativa, devido ao fato de Emília não entender o texto do *Quixote*.

É ‘o **côisico**’, dividido em duas partes: a ‘confraria da incessância’ e a ‘força da malacacheta’, representada, aí no que você pensou, pelas pedras. [...] Entretanto, para completar ‘o **túdico**’ você, na sua enumeração do mundo, deixou de se referir a um elemento fundamental, a um elemento que estava presente e que você omitiu! (SUASSUNA, 2007, p. 194).

O sufixo *-ico* é um indicador de participação, de relação com a ideia transmitida pela base à qual foi acrescentado. No exemplo acima, a personagem Clemente explica para Quaderna, o narrador do *Romance d’A Pedra do Reino*, a base de sua Filosofia do Penetral, e cria dois substantivos usando o sufixo *-ico*, *côisico* e *túdico*. Na linguagem informal de várias regiões do Brasil, *coisa* é um substantivo usado de forma corriqueira para indicar algo indefinido, sobretudo quando o falante esqueceu o nome do objeto a que se refere; *tudo* é um pronome indefinido segundo a gramática normativa. As duas criações, então, estabelecem uma relação com algo vago, impossível de ser nomeado e explicitado: Clemente tenta estabelecer uma forma de se referir à totalidade daquilo que não tem uma natureza definida, e as duas criações podem ser vistas como uma crítica irônica aos conceitos filosóficos defendidos e divulgados por estudiosos da área, que são incompreensíveis para as pessoas leigas.

[Camões] Cegando de um olho, tornou-se **Epopieieta**, e só foi épico de segunda grandeza, imitador de Virgílio, por ser apenas meio-cego e não cego inteiro. Chega-se à conclusão de que o Gênio de um **Epopieieta** é tanto maior quanto mais olhos cegos ele tenha, sendo essa, provavelmente, a causa profunda de Homero ser considerado o maior de todos pelo Doutor Amorim Carvalho, Retórico de Dom Pedro II (SUASSUNA, 2007, p. 613).

O sufixo *-eta* tem valor diminutivo ou aproximadamente diminutivo, ou forma derivados indicativos de outra coisa relacionada com o referencial do derivante. Porém, *Epopieieta*, no contexto da obra de Suassuna, não é um diminutivo de epopeia (obra geralmente longa e escrita segundo determinados cânones), e se refere a Quaderna, o narrador do *Romance d’A Pedra do Reino*, e não à obra escrita. A outra possibilidade, *-eta* como sufixo formador de algo relacionado à base que lhe deu origem, é mais cabível, pois há uma ligação

estreita entre a epopeia e a pessoa que a escreve. Entretanto, na língua portuguesa, temos diversos sufixos, como *-dor*, *-sor*, *-ista*, *-eiro* e *-ário*, para indicar nomes de agente e de profissões, como *encanador*, *cantor*, *dentista*, *sapateiro*, *secretário*. Seguindo a lógica das regras de formação de palavras, pensaríamos em uma criação neológica sufixal como **epopeiador*, **epopeieiro* ou **epopeísta* para indicar a profissão de escritor de epopeias. Temos então na criação *epopeieta* um uso pouco comum do sufixo *-eta* indicando profissão ou agente, com um resultado bastante expressivo dentro do contexto da obra.

Raparigagem, jagunço, **matação** de gente? Tudo isso que o Juiz de Direito reclama? (PALMÉRIO, p.167).

O trecho acima traz outra criação lexical baseada na troca do sufixo de uma palavra já dicionarizada, *matança*. O Dicionário Houaiss apresenta *-ção* como uma terminação ou um sufixo formador de substantivos femininos abstratos oriundos de radicais verbais, quase todos do supino; a forma *matação* pode ser vista como matar + *-ção*, sendo o sufixo acrescentado à forma infinitiva do verbo, e não ao supino. Considerando a existência de *matança*, palavra dicionarizada e de uso corrente entre os falantes do português, como justificar a criação de *matação*? Uma hipótese pode ser o fato de *-ão* ser um aumentativo, a forma *-ção* também é usada como aumentativo por uma questão de convergência fonética. Desse modo, a *matação* seria algo além da *matança*, talvez uma ação mais intensa ou contínua, considerando o fato de *-ção* também poder transmitir uma noção de aumentativo.

A análise breve dos exemplos apontados neste trabalho destaca a expressividade das criações neológicas literárias devido ao uso sufixos, indicando como os escritores trabalham com as regras de formação de palavras, ora se afastando delas – no caso de *noitante*, em que o sufixo *-nte* não é usado com uma base verbal, ou de *epopeieta*, em que o sufixo *-eta* não é um diminutivo, e sim, indica profissão – ora se mantendo dentro das regras, mas, usando um sufixo concorrente, para dar nova conotação a uma palavra já dicionarizada, como em *fornicância* ou *matação*. Em todos os casos estudados, o rompimento do bloqueio lexical e o valor afetivo das bases e dos sufixos podem estar ligados tanto ao universo do escritor quanto ao do leitor, favorecendo diferentes interpretações de cada exemplo.

Observamos, portanto, que as características das criações neológicas literárias – sua pouca ou nenhuma divulgação fora do texto escrito, a não incorporação ao léxico, não tornam tais neologismos palavras estagnadas, sem vida. Pelo contrário, a possibilidade que elas têm de suscitar tantas e variadas interpretações é um fato de enriquecimento para o texto, e indica também o conhecimento que os escritores têm da língua e de suas regras, e como eles podem usar tais mecanismos para dar ao texto uma maior dose de expressividade. Finalmente, verificamos como a diversidade dos sufixos na língua portuguesa pode ser uma fonte para a criação de textos originais e atraentes, e consideramos que a união da morfologia com a estilística é uma ferramenta de estudo e de pesquisa que traz resultados positivos para pesquisadores e estudantes, pois a compreensão do processo de formação de palavras da língua portuguesa proporciona uma visão mais ampla do texto literário e da expressividade obtida por meio das criações neológicas literárias sufixais.

Referências Bibliográficas

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo. Criação lexical*. São Paulo: Ática, 2004.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Lucena, 2000.

CARVALHO, José Candido de. *O coronel e o lobisomem*. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA, versão 2.0.1.

LOBATO, Monteiro. *Dom Quixote das Crianças*. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Introdução à estilística*. 3ed revista e aumentada. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

NAVA, Pedro. *Baú de Ossos*. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.

PALMÉRIO, Mario. *Chapadão do Bugre*. 10ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.

SABINO, Fernando. *O grande mentecapto*. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.

SOUZA, Márcio de. *Galvez, o imperador do Acre*. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.

SUASSUNA, Ariano. *A Pedra do Reino*. 10ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.